

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Amanda Ribeiro Lopes

**O BRASIL ÀS MARGENS: A PROJEÇÃO CHINESA E
NORTE-AMERICANA SOBRE A SEMIPERIFERIA (2008 E 2022)**

Santa Maria, RS
2023

Amanda Ribeiro Lopes

O BRASIL ÀS MARGENS: A PROJEÇÃO CHINESA E NORTE-AMERICANA SOBRE A SEMIPERIFERIA (2008 E 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Relações Internacionais**.

Orientador: Prof. Bruno Hendler

Santa Maria, RS
2023

Amanda Ribeiro Lopes

O BRASIL ÀS MARGENS: A PROJEÇÃO CHINESA E NORTE-AMERICANA SOBRE A SEMIPERIFERIA (2008 E 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Bacharel em Relações Internacionais**.

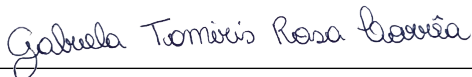
Aprovado em 12 de dezembro de 2023:



Bruno Hendler, Dr. (UFSM)



Thomaz Francisco Silveira de Araujo Santos, Dr. (UFSM)



Gabriela Tamiris Rosa Corrêa, Ma. (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

É loucura pensar que até 2019 eu não fazia ideia de que existia uma Universidade Federal em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Eu simplesmente não sabia. E é mais loucura ainda agora saber que a UFSM se tornou um lar para mim. A UFSM me trouxe histórias, me trouxe vivências, me trouxe aprendizados e também me trouxe pessoas especiais para minha vida. Dessa maneira, eu primeiramente quero agradecer à UFSM por tudo que ela me proporcionou, seja desde uma educação de qualidade à aprendizados para vida inteira. Também agradeço à UFSM por ter me dado a oportunidade de conhecer meus amigos, os "Privilegiados", bem como outros amigos especiais. Não vou nomear todos aqui, mas saibam que eu reconheço cada um de vocês e sou imensamente grata por vocês terem se tornado a minha família aqui no Rio Grande do Sul. Não é fácil mudar de estado tão nova e começar tudo do zero, mas eu tive muita sorte de trilhar esse caminho com vocês.

Também agradeço muito à minha família pelo apoio e suporte em morar longe. Sei que não foi fácil principalmente para a minha mãe, Verônica, que sofreu com a distância das filhas, já que eu vim pra Santa Maria e a Vitória, minha irmã, decidiu vir junto. Mas valeu a pena, mãe. Sou grata por isso. Quero agradecer ao meu pai, Gilberto, por ter apoiado desde o primeiro dia que eu disse que queria me mudar para Santa Maria. Obrigada, pai. E obrigada por ter lutado para nos sustentar aqui, sei que não foi fácil. Agradeço também ao Ivens, por sempre estar disponível para me escutar e fazer vídeos-chamadas quando as coisas não estavam fáceis. Amo você demais, e sempre senti falta da tua presença aqui. Obrigada por tudo. Também, mas não menos importante, agradeço à Vitória, ou meu clone, como muitos gostam de chamar. Às vezes rola um desentendimento, normal de irmãs, mas saiba que eu amo ser tua irmã e que é uma honra pra mim te ter na minha vida, ainda mais por sempre estar me acompanhando em todos os momentos. Te amo, e sou grata por tudo. To aqui por ti. É preciso agradecer também as minhas gatinhas, Batata e Nikita, que são companheiras pra todos os momentos e que eu amo demais, mesmo as vezes levando uns arranhões aqui e ali. Mas tudo bem, porque isso é amor.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer aos projetos que fizeram parte da minha vida acadêmica na UFSM: primeiramente ao GEAP, Grupo de Estudos em Ásia-Pacífico, que eu entrei lá em 2019, quando o grupo foi formado e quando eu era bixo. Obrigada ao Professor Dr. Bruno Hendler pelas oportunidades que eu pude ter através do GEAP, e por despertar esse interesse em pesquisar sobre a China em mim. Foi muito gratificante poder ter sido, durante dois anos, bolsista do GEAP, bem como ter sido monitora na cadeira de Relações Internacionais da Ásia Pacífico. Pude aprender muita coisa durante todo esse tempo que estive no projeto. Obrigada também por ter sido meu orientador neste trabalho, Bruno (apesar de, sinceramente, saber que eu poderia ter feito mais,

mas tudo bem). Agradeço também ao Paralelo 33, que é um projeto que eu amo em fazer parte e que sou muito feliz dentro dele. Foi muito bom poder, desde 2021, compartilhar conhecimentos através do projeto, bem como foi muito bom conhecer pessoas incríveis que fazem parte do mesmo. Obrigada, pessoal.

A todos esses, deixo aqui meu profundo agradecimento e contentamento por tudo que ocorreu até o momento. O meio universitário não teria sido o mesmo sem vocês e todos esses acontecimentos. Obrigada, de coração.

RESUMO

O BRASIL ÀS MARGENS: A PROJEÇÃO CHINESA E NORTE-AMERICANA SOBRE A SEMIPERIFERIA (2008 E 2022)

AUTOR: Amanda Ribeiro Lopes

Orientador: Bruno Hendler

O presente trabalho busca por analisar a ascensão chinesa e o declínio norte-americano e seus impactos na semiperiferia, com o foco no caso do Brasil. Assim, a teoria base deste trabalho parte dos escritos advindos da Economia Política Internacional. Dessa maneira, através de uma análise histórica de sistema-mundo, bem como a determinação da divisão tripartite estabelecida por Immanuel Wallerstein, busca-se conceituar essas determinações e delimitar o Brasil como sendo parte da semiperiferia. Ademais, o trabalho preocupa-se em tratar dos Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSAs), estabelecidos por Arrighi (1996) para estabelecer que, no presente momento, nos encontramos no quarto CSA, que é liderado pelos Estados Unidos. Um CSA é caracterizado por duas fases principais, a primeira, que seria a fase de expansão material e de auge do CSA, e a segunda, que seria a fase de expansão financeira, ou de declínio de um CSA. Com isso, tem-se que os Estados Unidos, na década de 1970 passam por um momento de crise sinalizadora de seu CSA, mas que a crise de 2008, marco inicial do trabalho, é caracterizada pela crise terminal do CSA norte-americano. Por isso, entende-se que, neste contexto, surge uma China revigorada, e que passa ser considerada a possibilidade que a China lidere um quinto CSA, visto que a mesma passa por um momento de expansão material. Neste cenário, de caos sistêmico, é que insere-se a análise acerca dos impactos de tal contexto para um país semiperiférico como o Brasil. Desse modo, são utilizados indicadores de relações econômicas com o Brasil, de influência cultural com o Brasil, e de influência diplomática com o Brasil, a fim de analisar os efeitos da projeção chinesa e norte-americana no país entre os anos de 2008 e 2022, com o propósito de observar as mudanças e as continuidades. Tais indicadores serão relacionados com as três bases do poder para Nye (2015), que são a base econômica, militar, e de poder suave.

Palavras-chave: China. Estados Unidos. Ciclo Sistêmico de Acumulação.

ABSTRACT

BRAZIL ON THE MARGINS: CHINESE AND NORTH AMERICAN PROJECTIONS ON THE SEMIPERIPHERY (2008 AND 2022)

AUTHOR: Amanda Ribeiro Lopes

ADVISOR: Bruno Hendler

The present work seeks to analyze the rise of China and the decline of the United States and their impacts on the semi-periphery, focusing on the case of Brazil. Thus, the theoretical foundation of this work is based on writings from International Political Economy. In this way, through a historical analysis of the world-system and the determination of the tripartite division established by Immanuel Wallerstein, the aim is to conceptualize these determinations and define Brazil as part of the semi-periphery. Furthermore, the work is concerned with addressing Systemic Accumulation Cycles (SACs), established by Arrighi (1996), to assert that, at the present moment, we are in the fourth SAC, led by the United States. An SAC is characterized by two main phases: the first being the phase of material expansion and the peak of the SAC, and the second being the phase of financial expansion or decline of an SAC. Therefore, it is noted that the United States, in the 1970s, undergoes a crisis signaling the end of its SAC, and the 2008 crisis, the starting point of this work, is characterized as the terminal crisis of the North American SAC. Therefore, it is understood that, in this context, a revitalized China emerges, and there is a consideration that China could lead a fifth SAC, as it is currently experiencing a phase of material expansion. In this scenario of systemic chaos, the analysis is inserted regarding the impacts of such a context on a semi-peripheral country like Brazil. Therefore, indicators of economic relations with Brazil, cultural influence on Brazil, and diplomatic influence on Brazil are used to analyze the effects of Chinese and American projection on the country between 2008 and 2022, with the purpose of observing changes and continuities. These indicators will be related to Nye's (2015) three bases of power: economic, military, and soft power.

Keywords: China. United States. Systemic Accumulation Cycle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – CICLOS DE TRANSIÇÕES HEGEMÔNICAS.	18
Figura 2 – SÉCULOS LONGOS E CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO (CSA).	20
Figura 3 – PADRÕES EVOLUCIONÁRIOS DO CAPITALISMO MUNDIAL.	22

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Taxas médias de crescimento do produto por setor na China (em %)....	38
TABELA 2 – Capacidade Econômica 2008.....	49
TABELA 3 – Capacidade Econômica 2022.....	50
TABELA 4 – Relações Econômicas com o Brasil (2008).....	52
TABELA 5 – Relações Econômicas com o Brasil (2022).....	52
TABELA 6 – Influência Cultural (2008).	53
TABELA 7 – Influência Cultural (2022).	54
TABELA 8 – Influência Diplomática (2008).	55
TABELA 9 – Influência Diplomática (2022).	56
TABELA 10 – Capacidade Militar 2008.	57
TABELA 11 – Capacidade Militar 2022.	58
TABELA 12 – Capacidade Total.	58
TABELA 13 – Exercícios militares China-Brasil 2003-2016.....	62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	SISTEMA-MUNDO, DIVISÃO TRIPARTITE, CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO E HEGEMONIA	12
2.1	SISTEMA-MUNDO E A DIVISÃO TRIPARTITE	12
2.2	OS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO	15
2.3	AS TRANSIÇÕES DE CSAS NA HISTÓRIA DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL (1853-1973).....	19
2.4	O CONCEITO GRAMSCIANO DE HEGEMONIA	27
3	A EXPANSÃO FINANCEIRA NORTE-AMERICANA E A EXPANSÃO MATERIAL CHINESA	31
3.1	CRISE DA HEGEMONIA NORTE-AMERICANA	31
3.2	A EXPANSÃO FINANCEIRA NORTE-AMERICANA E A EXPANSÃO MATERIAL DO LESTE ASIÁTICO	33
3.3	A ASCENSÃO CHINESA COMO GRANDE POTÊNCIA E SUA EXPANSÃO MATERIAL	35
3.4	CRISE HEGEMÔNICA E ACIRRAMENTO DE DISPUTAS COM EMERGENTES ..	42
4	OS IMPACTOS PARA A SEMIPERIFERIA (BRASIL)	45
4.1	EXTRA: AS RELAÇÕES MILITARES COM O BRASIL	61
5	CONCLUSÃO	64
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa por analisar as implicações envolvidas com a ascensão chinesa como grande potência no sistema-mundo, bem como do declínio da hegemonia norte-americana para o Brasil, que se configura como um país semiperiférico. A ascensão chinesa como grande potência no sistema-mundo se configura como um fenômeno de grande complexidade e de múltiplas faces, visto que não envolve somente questões econômicas, como também abarca questões políticas, culturais e militares. Por sua vez, no que diz respeito ao declínio hegemônico norte-americano, este é um fato que é possível de se observar desde a década de 1970, mas que intensifica-se a partir da crise financeira de 2008, que é tida como a crise terminal do Ciclo Sistêmico de Acumulação norte-americano, e que, dessa maneira, ocasiona em implicações profundas para o funcionamento do sistema-mundo, bem como para o Brasil, que é nosso foco de estudo.

Para que essa análise seja possível, primeiramente é apresentado um levantamento histórico acerca da conceituação de sistema-mundo, desde seu surgimento até a contemporaneidade. É feita uma abordagem que diz respeito sobre a divisão tripartite do sistema-mundo, onde o mesmo é dividido entre países centrais, periféricos e semiperiféricos, a fim de determinar que o Brasil se configura como um país semiperiférico. Também, é trabalhado acerca da conceituação de Ciclos Sistêmicos de Acumulação (CSA's) para Giovanni Arrighi, bem como é tratado sobre os quatro CSA's existentes, sendo que o último, que é o CSA norte-americano, é o presente ciclo e o que nos interessa aqui, visto que buscamos por compreender acerca do deterioramento dos Estados Unidos e o surgimento de uma China revigorada e como possível candidata à liderança de um novo CSA.

Dessa maneira, acerca das características de um CSA, tem-se que Giovanni Arrighi (1996) determina que o mesmo apresenta duas fases principais: a de expansão material, onde o capitalismo monetário movimenta uma gama de produtos, e que transforma em mercadorias tanto a força de trabalho como os recursos da natureza; e a fase de expansão financeira, onde o capital monetário se libera de sua forma de mercadoria e passa a gerar acumulação através de acordos financeiros. Assim sendo, essas duas fases em conjunto formam um Ciclo Sistêmico de Acumulação (DMD') completo. Com isso, entende-se que os Estados Unidos estão nem uma fase de expansão financeira (M-D') de seu CSA, sendo que a mesma se caracteriza por ser uma fase de queda, de decaimento de um CSA, já que ela é o último estágio do mesmo e representa a crise do ciclo, sendo conhecida como "crise sinalizadora" de cada longo século, e é quando ocorre um deslocamento do capital, que antes era destinado ao comércio e a produção, para a intermediação, bem como para a operações especulativas de âmbito financeiro. A "crise sinalizadora" do CSA norte-americano teria ocorrido na década de 1970, quando os lucros comerciais começam a declinar e passam para o setor financeiro e, como já foi mencionado, a crise de 2008

seria a "crise terminal" do regime de acumulação dos EUA, onde a mesma demonstraria o fim daquele longo século norte-americano, que foi abrangido por uma fase de ascensão, plena expansão e pela fase final de queda desse regime (ARRIGHI, 2013, apud PEREIRA; SARDO, 2022). Conforme Hendler (2021), um "longo século" seria composto por três estágios: a "fase 1", que é caracterizada pela ascensão; a "fase 2", marcada pela plena expansão; e a "fase 3", que abarca o declínio dentro de um CSA.

Outrossim, com os Estados Unidos encontram-se na terceira fase de um longo século, que corresponde a um período de declínio, abre-se, então, um momento de caos sistêmico com a possibilidade de um início de expansão material de outro ator, visto que tal processo ocorre dessa maneira: os CSA's são sobrepostos e as expansões financeiras são momentos de transição hegemônica e que dão espaço para o surgimento de uma nova liderança. Dessa maneira, a candidata para a liderança de um novo CSA atualmente é a China, que, então, estaria passando por um estágio de expansão material, mas que ainda encontra-se em fase inicial, ou seja, ainda não é possível observar esse estágio de expansão material por completo. Com isso, o vigente trabalho preocupa-se em caracterizar esses momentos e relacioná-los com as possíveis implicações para um terceiro Estado, localizado na semiperiferia, que seria o Brasil, este que ocupa uma posição intermediária e dual na divisão internacional do trabalho. Assim, busca-se analisar de que maneira a possível transição sistêmica acarreta em influências nas capacidades econômicas, políticas-estratégicas e não-materiais do Brasil, que, diferentemente da China e Estados Unidos que são países centrais, encontra-se na semiperiferia.

Assim sendo, para que essa análise seja possível, o trabalho está dividido em três seções, para além desta introdução e da conclusão. A seção 2, que corresponde ao primeiro capítulo, é uma seção mais histórica, que vai tratar sobre sistema-mundo, a divisão tripartite do mesmo, a posição brasileira neste sistema, sobre os ciclos sistêmicos de acumulação e suas transições existentes, bem como do conceito de hegemonia para Gramsci. A seção 3, que corresponde ao segundo capítulo, irá abordar acerca da expansão financeira e declínio norte-americano em contraposição a uma expansão material chinesa e sua ascensão como grande potência. A seção 4, por sua vez, é aquela que tratará sobre os impactos de tal cenário para a semiperiferia, no caso para o Brasil, buscando trazer dados para fomentar a análise. Por fim, a seção 5, que é a de conclusão, fará uma análise final de tudo que foi abordado no presente trabalho.

2 SISTEMA-MUNDO, DIVISÃO TRIPARTITE, CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO E HEGEMONIA

2.1 SISTEMA-MUNDO E A DIVISÃO TRIPARTITE

É com a obra "O Sistema Mundial Moderno", de volumes I, II e III, que o autor Immanuel Wallerstein aborda o conceito de divisão internacional do trabalho a partir da estrutura capitalista. A partir desse conceito, Wallerstein desenvolve sua tese central, onde a estrutura internacional apresenta uma divisão tripartite entre centro, periferia e semiperiferia, nas quais existem posições que são ocupadas pelos países na ordem produtiva capitalista. Os países do centro, por sua vez, são aqueles que possuem produções de alto valor agregado, enquanto os periféricos desenvolvem produtor de baixo valor, recorrendo ao fornecimento de commodities e de matérias-primas, que são direcionadas para os países do centro. Por sua vez, existem países que são localizados na semiperiferia, estes que possuem um papel intermediário e dual, ora se comportando como países centrais ora como países periféricos. Como há uma desigualdade no padrão de troca, tem-se uma relação de dependência entre os países centrais e os países periféricos, com os últimos se tornando dependentes de auxílios financeiros dos primeiros (MARTINS, 2015). Além disso, também é importante elencar que o conceito de centro-periferia foi desenvolvido pela Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina (CEPAL), sendo, portanto, uma grande contribuição dos pesquisadores do Terceiro Mundo (WALLERSTEIN, 2005);

Além disso, Wallerstein (2005, p. 18) preocupa-se em entender o que tornaria um processo de produção periférico ou central. De acordo com o autor, a resposta estaria "no grau em que cada processo particular era relativamente monopolizado ou de livre mercado" ¹(WALLERSTEIN, 2005, p. 18), assim, já que haveria mais lucro nos processos monopolizados, estes seriam aqueles de processos de produção centrais, enquanto os processos de livre mercado geravam menos lucros que os primeiros, e seriam, então, advindos dos processos de produção periféricos. Dessa forma, a troca entre produtos centrais e produtos periféricos geraria um fluxo de mais-valia para aqueles que possuíam maior contingente de processos monopolizados.

Para Wallerstein, segundo Chase-Dunn e Kwon (2012), o início do capitalismo data o século XVI (1450-1640), onde o mesmo expandiu-se através de ciclos e tendências de crescimento, até que o sistema mundial tornou-se capitalista e, posteriormente, através de expansões, tornou-se global, passando por um momento atual de crise. Segundo os autores, isso difere-se do que foi constatado e representado por Arrighi através dos su-

¹Texto original en el grado en el cual cada proceso particular era relativamente monopolizado o de libre mercado (WALLERSTEIN, 2005, p. 18).

cessivos ciclos sistêmicos de acumulação, visto que "a ênfase de Wallerstein recai sobre o surgimento e desaparecimento de 'sistemas históricos', onde o capitalismo é definido como 'acumulação incessante'"(CHASE-DUNN, KWON, 2012, p. 107)

A análise dos sistemas mundiais, então, tem no início da década de 1970 sua gênese, surgindo, dessa forma, como uma nova perspectiva para entender a realidade social, estando contemplada na história do sistema-mundo moderno e das estruturas de saberes que fazem parte de tal sistema. Assim, "em vez de estados-nação como objetos de estudo, eles os substituíram por "sistemas históricos" que [...] existiam até então em apenas três variantes; e mini-sistemas e "sistemas-mundo" de dois tipos (economias-mundo e impérios-mundo"² (WALLERSTEIN, 2005, p. 17). De acordo com Hendler (2012) uma forma de sistema-mundo seria o império-mundo, este que teria como característica principal a centralização política sobre os territórios economicamente integrados" (WALLERSTEIN, 1974, p. 348 apud HENDLER, 2012, p. 21).

Ademais, Wallerstein (2005, p. 17) continua expondo que o sistema-mundo representaria uma zona integrada, que abrange atividades e instituições, estes que obedeceriam determinadas regras sistêmicas³. Dessa maneira, uma economia-mundo se caracterizaria por um espaço geográfico no qual haveria uma divisão de trabalho, além de também possuir um fluxo de capital e trabalho, existindo dentro da mesma diversas unidades políticas (WALLERSTEIN, 2005, p. 21). Além disso, segundo Hendler (2012) uma economia-mundo possuiria uma economia complexa e integrada, mas, apesar disso, com fragmentação política.

Segundo Chase-Dunn e Kwon (2012), o surgimento do sistema-mundo moderno se deu quando houve o desenvolvimento, a partir de uma região que era periférica e que, posteriormente, tornou-se semiperiférica (Europa), de um centro interno de estados capitalistas, e que passou a ter capacidade de dominação das organizações políticas de outras regiões do mundo. Dessa maneira,

Este sistema eurocêntrico foi o primeiro no qual o capitalismo se tornou o modo predominante de acumulação, apesar de cidades-estados capitalistas semiperiféricas existirem desde a Idade do Bronze nos espaços entre os impérios tributários. Esse sistema eurocêntrico se expandiu em uma série de ondas de colonização e incorporação(CHASE-DUNN, KWON, 2012, p. 99) .

Outrossim, contemporaneamente, tem-se que o funcionamento do sistema-mundo também é tido a partir da concessão de empréstimos pelo FMI, além de outras instituições que possuem sede em Washington, como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento - o que é chamado de Consenso de Washington. Tal consenso designa

²Texto original: En lugar de los estados nacionales como objetos de estudio, los sustituyeron por "sistemas históricos"que, se argüía, habían existido hasta ese momento en sólo tres variantes; minisistemas, y sistema-mundo de dos tipos (economías-mundo e imperios-mundo) (WALLERSTEIN, 2005, p. 17).

³Texto original: "sistema-mundo[...] representa una zona integrada de actividad e instituciones que obedecen a ciertas reglas sistémicas (WALLERSTEIN, 2005, p. 17).

recomendações, de cunho liberal, para países da periferia que são receptores de seus empréstimos, como disciplina fiscal, reforma tributária, juros de mercado, como outras recomendações (MARTINS, 2015). Essa dependência de empréstimos e de ajuda financeira e humanitária por parte dos países periféricos, é resultante, portanto, do padrão de troca desigual, visto que esse é o criador dessa relação de dependência entre os países periféricos e centrais. Dessa maneira, essas condicionantes acentuam e reproduzem o caráter de dependência entre os países centrais e os países periféricos, além da divisão internacional do trabalho (MARTINS, 2015, p. 101-103).

No que se refere à condição de semiperiferia, há pouca utilização do conceito em estudos concretos e teóricos. Tal conceito foi estabelecido por Immanuel Wallerstein, no ano de 1974. Como já foi exposto anteriormente, Wallerstein tratou que algumas regiões desempenham determinados papéis que as caracterizariam como semiperiféricas, sendo uma posição intermediária na economia mundial, sendo que tal posição seria holística e apresenta um caráter estrutural (Wallerstein, 2011 apud OURIQUES, 2018, p. 3).

Por sua vez, é nos anos 1980 que Giovanni Arrighi evidencia o caráter estrutural da posição semiperiférica, e, a partir da utilização do Produto Nacional Bruto per capita, nota que existe uma "divisão tripartite entre os Estados Nacionais ao longo do período 1938-1985. [...] a posição é exclusivamente 'em relação à divisão mundial do trabalho e nunca [no] sistema inter-estados'" (Arrighi e Drangel, 1997:144 apud OURIQUES; VIEIRA, 2017, p. 204). No que se refere à mobilidade nesse sistema, seja para cima ou para baixo, ela seria excepcional, mas não seria descartada. Para que a mobilidade ocorra, a mesma implicaria

(...)1) uma maior especialização das atividades nas quais o Estado semiperiférico tem ou pode obter algum tipo de vantagem competitiva, 2) um envolvimento ativo nas relações de troca desigual, nas quais o Estado semiperiférico fornece mercadorias que incorporam mão-de-obra mal remunerada para os Estados do núcleo orgânico em troca de mercadorias que incorporam mão-de-obra bem remunerada e 3) uma exclusão mais completa dos Estados periféricos das atividades nas quais o Estado semiperiférico busca maior especialização (Arrighi, 1997, p. 218 apud OURIQUES; VIEIRA, 2017, p. 205).

Dessa maneira, a semiperiferia seria composta por Estados que possuem uma atuação intermediária, e que ora se comportam como país periférico quando atuam com um país central e que ora se comportam com país central, quando atuam com um país periférico. O Brasil, entre 1930 e 1970, é tido como um país que ascendeu de posição, passando de ser um Estado periférico para um semiperiférico, visto sua implantação do modelo de substituição de importações, que fomentou a industrialização nacional e fortaleceu vantagens comparativas no que diz respeito à exportação de matérias primas. O Brasil, segundo Ouriques (2017), é um Estado que possui abundantes recursos naturais, um grande contingente populacional, um parque industrial diverso, e, ao mesmo tempo, grande desigualdade de renda e social, apresentando diversas atividades de núcleo orgânico e periféricas,

que fazem parte da caracterização de sua posição. Tal zona semiperiférica, "de acordo com estudos posteriores (Arrighi et al, 199; Lima, 2007a), permanece estável ao longo do tempo, configurando-se, portanto, como um elemento constituinte e mesmo como uma estrutura da economia-mundo capitalista" (OURIQUES; VIEIRA, 2017)).

2.2 OS CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO

Giovanni Arrighi, em "O longo século XX", de 1996, expõe que ocorreu uma mudança fundamental no funcionamento do capitalismo no último quarto do século XX. Entretanto, sua tese, apesar de concordar com a mudança decisiva ocorrendo na história do capitalismo, ressalta que tal ocorrência apresenta precedentes, visto que "longos períodos de crise, reestruturação e reorganização - ou seja, de mudanças de continuidade - têm sido muito mais típicos da história da economia capitalista mundial" (ARRIGHI, 1996). Outrossim, ocorrem mudanças de localidades dos processos de acumulação de capital, visto que, a partir da década de 1970, há uma tendência de aumentar a mobilidade espacial desse capital, isto que seria vinculado a "mudanças na organização dos processos de produção e troca" (SASSEN, 1988; SCOTT, 1988; STORPER e WALKER, 1989 apud ARRIGHI, 1996, p. 1-2).

No que se refere aos Ciclos Sistêmicos de Acumulação, Arrighi faz uso da fórmula geral do Capital, de Karl Marx, para estabelecer sua conceitualização sobre os ciclos sistêmicos de acumulação (CSAs). Ao recorrer à fórmula geral do capital, o autor ressalta que a mesma também poderia ser interpretada analisando um padrão renovado do capitalismo histórico, isso porque

O aspecto central desse padrão é a alternância de épocas de expansão material (fases DM de acumulação de capital) com fases de renascimento e expansão financeira (fases MD). Nas fases de expansão material, o capitalismo monetário coloca em movimento uma massa crescente de produtos (que inclui a força de trabalho e dádivas da natureza, tudo transformado em mercadoria); nas fases de expansão financeira, uma massa crescente de capital monetário liberta-se de sua forma mercadoria, e acumulação prossegue através de acordos financeiros (como na fórmula abreviada de Marx, DD). Juntas, essas duas épocas, ou fases, constituem um completo ciclo sistêmico de acumulação (DMD). (ARRIGHI, 1996, p. 6).

Para ele, ao ocorrer uma expansão material e comercial (D-M) tem-se uma interrupção dada a partir de uma crise do capitalismo, que gera uma expansão financeira (M-D') e que alcança o último estágio, que é de crise do ciclo, mas que acaba gerando um novo CSA's. Tal expansão financeira, que é também denominada de "crise sinalizadora" de cada século longo, seria o momento no qual "o agente principal dos processos sistêmicos

de acumulação começa a deslocar seu capital do comércio e da produção, em quantidades crescentes, para a intermediação e especulação financeiras" (ARRIGHI, 1996, p. 220). Dessa maneira, tem-se que

[...] chamaremos o início de cada expansão financeira [...] de crise sinalizadora [...] do regime de acumulação dominante. [...] Essa crise é o sinal de uma crise sistêmica subjacente mais profunda, que, no entanto, a passagem para as altas finanças previne temporariamente. [...] Chamamos ao evento ou série de eventos que levam a essa superação final de crise terminal [...] do regime de acumulação dominante, e consideramos que ela assinala o fim do século longo que abrangeu a ascensão, plena expansão e queda desse regime (Arrighi 2013, p. 220, apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 10).

Assim, tais ciclos sistêmicos de acumulação se constituem como fenômenos capitalistas, e indicam continuados processos de acumulação de capital na modernidade. Além disso, as alterações e expansões na economia capitalista são feitas por comunidades e blocos de agentes, estes que são de governos ou empresas, estas que possuem capacidades de organização cada vez maiores e mais complexificadas. Com isso, cada transição hegemônica está vinculada com o surgimento desses complexos de agências do governo e de empresas, que vão agregando poder, força militar e financeira, do que os complexos já existentes, que são aqueles da hegemonia que está sendo ultrapassada (MORAIS, 2022). Nisso,

O que entendemos por regime de acumulação em escala mundial são as estratégias e estruturas mediante as quais esses agentes preponderantes promovem, organizam e regulam a expansão ou a reestruturação da economia capitalista mundial. O principal objetivo do conceito de ciclos sistêmicos é descrever e elucidar a formação, consolidação e desintegração dos sucessivos regimes pelos quais a economia capitalista mundial se expandiu. (ARRIGHI, 1996, p. 10).

Segundo Chase-Dunn e Kwon (2012), a definição de Arrighi acerca dos ciclos sistêmicos de acumulação solucionou alguns problemas que eram encontrados a partir da noção de Wallerstein, que determinava que o capitalismo mundial tivera início no século XVI e que passara por ciclos repetitivos e tendências, visto que

a descrição de Arrighi é explicitamente evolucionária, mas ao invés de postular estágios do capitalismo, examinando cada país para verificar a passagem de tais fases (como fez a maioria dos marxistas mais antigos), ele postula ciclos globais de acumulação até certos pontos sobrepostos, no qual o capital financeiro e o poder do Estado assumem formas novas e gradualmente penetram em todo o sistema. Este foi um grande avanço em relação tanto aos ciclos mundiais quanto às tendências de Wallerstein e às fases marxistas nacionais tradicionais de abordagem ao capitalismo (CHASE-DUNN, KWON, 2012, p. 109).

No que se refere aos escritos de Arrighi acerca do processo de declínio da hegemonia norte-americana, tem-se que, na obra *O Longo Século XX: Dinheiro, poder e as*

origens do nosso tempo (2013), é estabelecido que o ciclo norte-americano tem o ano de 1973 como o momento de sua crise sinalizadora. Dessa maneira, o marco temporal inicial do presente trabalho, que é o ano de 2008, segue o ano em que os autores, a partir de Silver e Arrighi (2011), interpretam como a crise terminal do ciclo sistêmico de acumulação norte-americano, sendo que, para Pereira e Sardo (2012), após tal evento deu-se início a um CSA dicotômico entre os Estados Unidos e a China (PEREIRA; SARDO, 2022), um CSA sino-americano.

Segundo Arrighi, a fórmula geral do capital de Karl Marx (DMD') também demonstraria um padrão do capitalismo histórico como sistema mundial, onde haveria alternâncias entre tempos que seriam de expansão material (DM), vinculada a uma movimentação de produtos, que são transformados em mercadoria, com fases de expansão financeira (MD'), onde o capital monetário se solta de seu aspecto mercatório, e é acumulado a partir de acordos financeiros, mas que marca o declínio do ciclo. Em conjunto, essas fases dão um CSA completo. Dessa maneira, a fase de expansão material é quando se tem uma concentração e controle das cadeias globais de valor pelo Estado dominante, enquanto que, por sua vez, a fase de expansão financeira demarca o declínio do CSA, já que esta visa-se os lucros e aproveitamento do capital aproveitador de juros. Neste processo de declínio, há a ocorrência de uma expansão material que gera outro ciclo, ocorrendo, então, um processo de transição entre os mesmos, quando tal transição é feita por uma sobreposição dos ciclos, com o declínio de um sendo acompanhado pela expansão material de outro (Arrighi, 2013, apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 11-12).

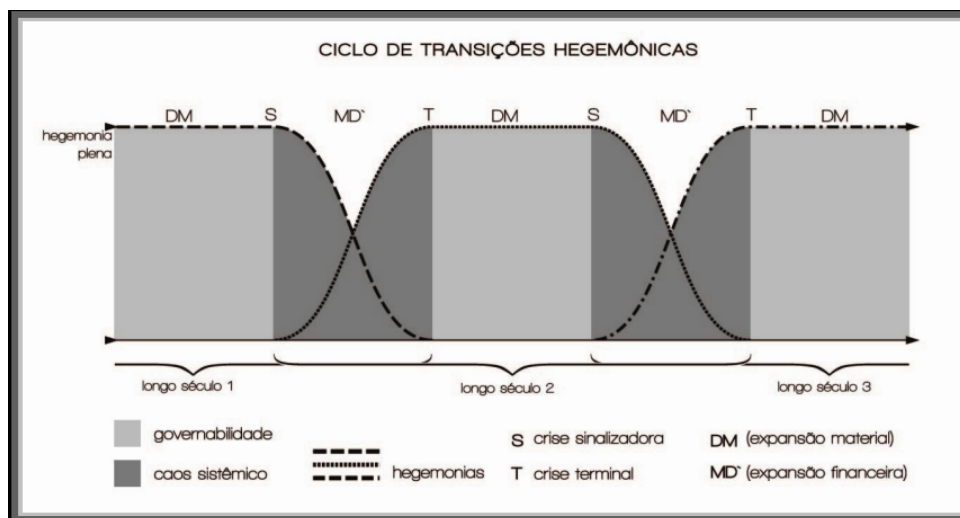
() Ademais, "a liderança de um Estado no processo de acúmulo de capital internacional não é sinônimo de hegemonia no Sistema-Mundo" (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 12). Assim, Arrighi emprega o termo hegemonia em dois fenômenos distintos: de uma forma, refere-se a quando um Estado dominante vira um "modelo" a ser seguido, atraindo os demais para sua via de desenvolvimento (ARRIGHI; SILVER, 2001 apud PEREIRA; SARDO, 2022). Quando esse Estado modelo atrai outros Estados para sua via de desenvolvimento, é constituído um núcleo orgânico, este que era composto por países que "ocuparam posições elevadas na hierarquia global do valor adicionado e [...] estabeleceram (individual e coletivamente) os padrões de riqueza que todos os seus governos procuravam manter e que todos os outros governos buscavam atingir" (Arrighi, 2013, 344, apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 13). Além disso, conquista-se consenso de uma hegemonia através da oferta de bens públicos, como, por exemplo, a proteção do comércio marítimo. Entretanto, um Sistema Financeiro Internacional - SFI é o bem público mais demandado, visto que o mesmo "harmoniza o processo de acúmulo de capital nas cadeias globais de valor e evita instabilidades financeiras" (Eichengreen 2011 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 14). Entretanto, é preciso ressaltar que o Sistema Financeiro Internacional como conhecemos só teve surgimento a partir de meados do Ciclo Sistêmico de Acumulação inglês. Mas há uma dificuldade em sustentar esses bens comuns, visto que eles são custosos. Também,

devido aos altos custos de sustentação desses bens públicos internacionais, além da exigência de haver consenso pela hegemonia, destaca-se que são exceções os períodos de hegemonia no Sistema-Mundo (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 14).

Outrossim, Arrighi (1996) utiliza-se do termo "longo século" para tratar acerca do período de existência de hegemonias do sistema-mundo moderno. De acordo com Chase-Dunn e Kwon (2012), que determinam que, desde o século XV, o sistema moderno passou por quatro fases de hegemonia, onde a "liderança no desenvolvimento do capitalismo foi alçada a novos patamares" (CHASE-DUNN, KWON, 2012, p. 99). De acordo com Hendler (2021), um longo século possui três períodos: "'fase' 1, ou de ascensão; 'fase 2', ou de plena expansão; e 'fase 3', de declínio ou de eventual superação dos agentes e das estruturas de um ciclo sistêmico de acumulação" (HENDLER, 2021). Isso pode ser observado a partir da figura 1, que demonstra o que foi exposto por Arrighi, onde os períodos de longo século são constituídos por momentos de expansão material e financeira, por períodos de crise sinalizadora e crise terminal, estas que se relacionam com os momentos de caos sistêmicos. Dessa maneira,

O primeiro período foi conduzido por uma coalizão entre os capitalistas financeiros genoveses e a Coroa Portuguesa (WALLERSTEIN, 2011 [1974]; ARRIGHI, 1994). Posteriormente, as hegemonias foram organizações políticas: os holandeses no século XVII, os ingleses no século XIX e os Estados Unidos no século XX (WALLERSTEIN, 1984a). A própria Europa, e todas as quatro regiões hegemônicas modernas, foram ex-semiperiferias que ascenderam, primeiramente, ao status de centro e, em seguida, ao de hegemonia (CHASE-DUNN, KWON, 2012, p.99)

Figura 1 – CICLOS DE TRANSIÇÕES HEGEMÔNICAS.



Fonte: Reis e Hendler (2010).

2.3 AS TRANSIÇÕES DE CSAS NA HISTÓRIA DO MODERNO SISTEMA MUNDIAL (1853-1973)

Como já foi exposto anteriormente, o que constitui um século longo ou um ciclo sistêmico de acumulação (CSA) seria um período de expansão material precedido por uma fase de expansão financeira. O primeiro se constitui como um período da economia global em que haveria fluimento de capital para o comércio e para a produção. Por sua vez, a expansão financeira ocorre quando há um limite atingido pelas expansões materiais, fazendo com que haja uma transferência do investimento para uma intermediação e especulação financeira (SILVER; ARRIGHI, 2012, p. 79). Além disso, "as expansões financeiras sistêmicas resultam de duas tendências complementares: a hiperacumulação de capital e a intensa competição entre os Estados pelo capital circulante"(ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 40). Dessa maneira, as expansões financeiras se constituem como períodos de transição hegemônica, acompanhados de uma emergência de uma nova liderança, esta que, com o passar do tempo, reorganiza o sistema e, assim, gerando uma nova expansão material. Com isso, as expansões financeiras são períodos de outono da existente hegemonia e também são a primavera da próxima liderança (SILVER; ARRIGHI, p. 85).

Arrighi e Silver (2001) também conceitualizam acerca de períodos de caos sistêmico, que ocorreriam quando há um momento de desorganização sistêmica, que não parece haver conserto. É um momento em que, quando tem-se um acirramento da competição e de conflitos que não são mais regulados, surgem "novas estruturas que desestabilizam ainda mais a configuração dominante de poder. A perturbação tende a reforçar a si mesma, ameaçando provocar, ou de fato provocando, um colapso completo na organização do sistema"(ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 42). Acerca disso,

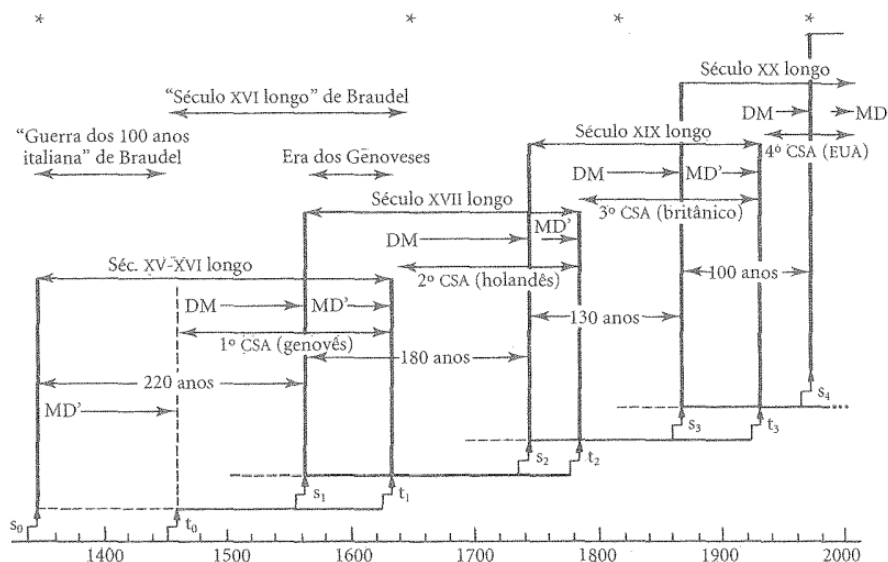
as expansões financeiras tem um impacto contraditório nessa tendência. Por um lado, mantêm-na sob controle, inflando temporariamente o poder do Estado hegemônico em declínio. Como outono dos grandes avanços capitalistas, as expansões financeiras são também o outono das estruturas hegemônicas em que se inserem esses avanços. São o momento em que o líder de uma grande expansão do comércio e da produção mundiais que está chegando ao fim colhe os frutos de sua liderança, sob a forma de um acesso privilegiado à liquidez hiperabundante que se acumula nos mercados financeiros mundiais. Esse acesso privilegiado permite que a nação hegemônica em declínio barre, pelo menos por algum tempo, as forças que desafiam a continuidade de sua dominação. Por outro lado, as expansões financeiras fortalecem essas mesmas forças, ampliando e aprofundando o alcance da competição interestatal e interempresarial e do conflito social, e transferindo o capital para as estruturas emergentes que prometam maior segurança ou lucros mais elevados do que a estrutura dominante (ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 42).

Seria possível identificar, segundo Silver e Arrighi (2012) quatro séculos longos ou CSAs, estes que seriam relativamente superpostos: o primeiro século, que seria composto

por um ciclo genovês-ibérico, abrangendo o período do século XV até o século XVII; o segundo século, que seria o ciclo holandês, abrangendo o final do século XVI até o final do século XVIII; o terceiro século, que seria formado pelo ciclo britânico, indo desde metade do século XVIII até o início do século XX; e um século que integra o ciclo norte-americano, indo do final do século XIX até o momento presente. Sendo assim, esses ciclos seriam denominados a partir dos agentes econômicos e governamentais que atuaram conduzindo o sistema capitalista mundial através das expansões materiais e financeiras. A figura abaixo resume os ciclos sistêmicos.

Arrighi (1996), assim como Immanuel Wallerstein, que utiliza-se da ideia advinda de Braudel de "longo século XV" e Eric Hobsbawn, que trabalha com um "longo século XIX", também é influenciado por Braudel, onde seu exposto acerca de um longo século XX se refere a um recorte temporal que seria "apropriada para a análise da ascensão, plena expansão e eventual superação dos agentes e estruturas do quarto ciclo sistêmico de acumulação (norte-americano)"(ARRIGHI, 1996, p. 218). Dessa maneira, no que se refere aos ciclos - e aos séculos longos os quais são relacionados - estes superpõem-se porque, em geral, o agente e as estruturas de acumulação típicos de cada estágio ascenderam à proeminência na economia mundial capitalista durante a fase (MD') de expansão financeira do estágio precedente (ARRIGHI, 1996, p. 219).

Figura 2 – SÉCULOS LONGOS E CICLOS SISTÊMICOS DE ACUMULAÇÃO (CSA).



Fonte: Arrighi (1996).

O primeiro ciclo sistêmico de acumulação foi o ibérico-genovês, este que foi um ciclo que ocorreu no contexto da transição do feudalismo para o capitalismo, um período nomeado por Marx como acumulação primitiva do capital, no qual ocorreu a falência das relações feudais e ascensão dos capitais comercial e usurário (Marx 2017 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 15). Assim, foi a partir do impacto de circunstâncias sistêmicas advindas

do capitalismo financeiro em outras cidades da Itália que também houve um desenvolvimento do capitalismo financeiro genovês durante a segunda metade do século XIV. Desse modo, quando houve uma intensificação das pressões competitivas e aumento de disputas pelo poder,

[...] o capital excedente, que já não encontrava investimentos lucrativos no comércio, foi mantido em estado de liquidez e usado para financiar a crescente dívida pública das cidades-Estados, cujo patrimônio e receita futura foram, assim, mais completamente alienados do que nunca a suas respectivas classes capitalistas (ARRIGHI, 1996, p.112).

Ademais, por ser posto em uma fase embrionária do capitalismo, o ciclo ibérico-genovês era um ciclo

[...] formado por um componente aristocrático territorialista (ibérico) que se especializou no fornecimento de proteção e na busca de poder e por um componente burguês capitalista (genovês), que se especializou na compra e venda de mercadorias e na busca de lucro. Essas especializações complementaram uma à outra e seus benefícios mútuos unificaram - e, enquanto duraram, mantiveram unidos - os dois componentes heterogêneos do agente de expansão, numa relação de intercâmbio político em que, por um lado, a busca de poder pelo componente territorialista criou oportunidades comerciais lucrativas para o componente capitalista e, por outro, a busca de lucro por este último fortaleceu a eficácia e a eficiência do aparelho produtor de proteção do componente territorialista" (Arrighi 1996, p. 124).

Seu período de expansão material ocorreu de 1453 a 1557. enquanto este último ano caracteriza sua crise sinalizadora, esta que apresenta duas causas principais: a elevação dos gastos militares espanhóis e a instabilidade das finanças internacionais. Gênova era uma cidade-Estado, pequena em tamanho, com uma organização comum, com grande divisão social, escassez de defesa militar e, portanto, um estado fraco, dependendo da proteção ibérica (SILVER; ARRIGHI, 2012, p. 86). Por sua vez, é de 1557 a 1648 que ocorre a expansão financeira deste ciclo, que, segundo Arrighi (1996) uma expansão financeira é o início e o fim dos ciclos sistêmicos, sendo que a expansão financeira íbero-genovesa foi dada a partir da relação triangular comercial entre os genoveses, que enviavam prata americana para o norte italiano, onde havia a troca da mesma por ouro e letras de câmbio, e estes eram entregues ao governo espanhol em troca de asientos "que lhes davam o controle sobre a prata americana em Sevilha" (Arrighi 2013, apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 15-16). Com a derrota militar espanhola na Guerra dos Trinta Anos, é marcada a crise terminal desse ciclo, no ano de 1648. Como pode ser observado na figura 3, esse CSA pode ter seu regime de acumulação caracterizado pelo tipo extensivo, visto que é "baseado na anarquia da produção e na hierarquia da circulação, uma vez que o modelo produtivo era composto por guildas, corporações de ofício e monopólios de comércio" (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 16).

Figura 3 – PADRÕES EVOLUCIONÁRIOS DO CAPITALISMO MUNDIAL.

Organização governamental líder	Tipo de regime/ciclo		Custos internalizados			
	Extensivo	Intensivo	Proteção	Produção	Transação	Reprodução
Estado-Mundo		Norte-Americano	Sim	Sim	Sim	Não
↑		Britânico	Sim	Sim	Não	Não
Estado-Nação		Holandês	Sim	Não	Não	Não
↑		Genovês	Não	Não	Não	Não
Cidade-Estado						

Fonte: Silver e Arrighi (2012).

Por sua vez, o segundo CSA é o holandês, este que, desde 1581,

as Províncias Unidas realizaram um [...] arrocho fiscal invertido [à Espanha], através da pirataria e da pilhagem (Arrighi 2013, 135), financiando o início de sua expansão material e, assim, concentrando em torno de Amsterdã as redes de comércio da Europa. Diferentemente do ciclo predecessor, as Províncias Unidas internalizaram os custos de proteção e conduziram seu domínio com base na coerção de uma marinha poderosa e no consenso de bens comuns, tais como o direito internacional, a balança de poder e uma eficiente rede de comércio e de fretes internacionais (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 16).

Assim sendo, entre 1648 e 1713, as Províncias Unidas se constituíram como a primeira hegemonia, já que produziram consenso a partir de bens comuns. A República Holandesa apresentava uma organização maior e mais complexa, se comparada com a organização apresentada pelo ciclo anterior, e apresentavam capacidade de produzir sua própria proteção. Ou seja, os holandeses internalizaram os custos de proteção que os genoveses tinham externalizado, o que pode ser observado na figura 2 (SILVER; ARRIGHI, 2012). A fonte de riqueza e poder dos holandeses foi advinda através do controle de fornecimento de suprimentos navais que vinham do Báltico, estes fornecimento de suprimentos que passaram a ser essenciais, visto a condução da guerra terrestre e também marítima na Europa, e a escassez de suprimentos. Assim, "quanto mais os holandeses logravam deter o poderio ibérico e arrastar outras nações para o conflito, mais lucravam com o controle do comércio Báltico"(ARRIGHI, 1996, p. 136), e tais suplementos se constituíam como a fonte primordial do capitalismo holandês.

De acordo com Arrighi (1996) seriam três orientações políticas correlatas que foram utilizadas pelos holandeses a fim de realizar a expansão do sistema comercial dos mesmos. A primeira orientação buscava a transformação de Amsterdam como o entreposto

principal do comércio europeu e mundial, isso sendo feito a partir do armazenamento de suprimentos estratégicos, estes que eram vitais para o comércio mundial. A segunda orientação "foi a política de transformar Amsterdam não apenas no armazém central do comércio mundial, mas também no mercado central de moeda e capital da economia mundial europeia" (ARRIGHI, 1996, p. 142). Para esta finalidade, foi realizada a criação, na cidade de Amsterdam, da primeira bolsa de valores do local, a fim de ser um centro financeiro, onde a mesma possuía poder de gerar atração de oferta e procura de capital ocioso, além de atrair crédito de todo o continente europeu. Por sua vez, a terceira política consistia "no lançamento de companhias de comércio e navegação de grande porte, credenciadas pelo governo holandês para exercer direitos exclusivos de comércio e soberania em imensos espaços comerciais ultramarinos"(ARRIGHI, 1996, p. 143). Dessa maneira, tais companhias de comércio e navegação deveriam atuar de forma a gerar lucros de dividendos, assim como exercendo tarefas de gestão estatais e da guerra.

É após a Paz de Utrecht, em 1713, que se encerra a hegemonia holandesa, já que sua capacidade coercitiva não era mais preponderante (ocorreu um crescimento marítimo britânico, que desvanece o poder marítimo holandês). Sua expansão financeira ocorreu entre 1748 e 1784, quando o capital circulante fugiu para o capital portador de juros. É o ano de 1748 que marca a crise sinalizadora deste CSA, depois de uma diminuição comercial pela qual passavam empresas de ações holandesas, além de outras causas. Este CSA é caracterizado pelo seu regime de acumulação, que é do tipo intensivo, formado por empresas de capital de ações, e por um sistema político-diplomático, tendo em vista que as "Províncias Unidas foram responsáveis por iniciar as relações multilaterais na História do Sistema-Mundo, com o Sistema de Westfália (1648-1815), baseado na balança de poder e no direito internacional"(Arrighi 2013; Arrighi: Silver, 2001, apud PEREIRA; SARDO, 2022, p.17-18).

Por seu turno, a Grã-Bretanha consolidou sua hegemonia após as Sete Guerras de Coalizão contra os franceses, de 1816 a 1914, e possuía elementos coercitivos como uma marinha e exércitos fortes, e elementos de consenso, como a promoção do primeiro sistema financeiro internacional (SFI). Outrossim, também ocorre a internalização dos custos de produção nesse ciclo, já que a Grã-Bretanha também era o maior centro industrial mundial. Assim, além de não necessitar da proteção fornecida por outras potências, "os ingleses foram além dos holandeses ao internalizarem os custos de produção (SILVER; ARRIGHI, 2012, p. 87). É essa internalização dos custos de produção deste ciclo que dá início a uma fase madura do capitalismo (Arrighi; Silver 2001 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p.18). É em 1873 que ocorre a interrupção da fase da expansão material britânica, a partir da primeira crise generalizada do capitalismo mundial, qual seja a Longa Depressão, que ocorre de 1873 a 1896, segundo Hobsbawm (2011), e tem-se início a fase de expansão financeira deste ciclo. As duas causas principais dessa crise seriam, além da crise do capitalismo, "(i) recrudescimento das rivalidades militares e (ii) a instabilidade das finanças

internacionais"(PEREIRA; SARDO, 2022, p. 19). Tal fase de expansão material britânica

tinha levado a uma intensificação sistêmica de pressões competitivas sobre as atividades de acumulação de capital. Em toda a economia mundial centrada no Reino Unido um número crescente de empresas comerciais de um número crescente de lugares vinha-se atrapalhando mutuamente na busca de insumos e no posicionamento de seus distribuidores, assim destruindo os monopólios anteriores umas das outras - isto é, seu controle mais ou menos exclusivo de determinados mercados (ARRIGHI, 1996, p. 168).

De acordo com o exposto por Arrighi (1996), seriam dois fatores de distinção entre o CSA britânico e os seus antecessores. O primeiro fator seria vinculado ao imperialismo, visto que, quando ocorreu o declínio expansionista do comércio mundial durante o século XIX, o poder britânico, por sua vez, estava em seu ápice. Por sua vez, também ocorria a ligação do mundo à Grã-Bretanha, devido ao regime unilateral de livre comércio que era feito pelo país. Dessa maneira, "os Estados achavam-se enjaulados numa divisão global do trabalho, centrada no Reino Unido, que restringia momentaneamente sua disposição e capacidade de declarar guerra ao principal Estado capitalista, bem como uns aos outros"(ARRIGHI, 1996, p. 169).

É em 1919 que ocorre a crise terminal do CSA britânico, com elementos como "(i) aumento do protecionismo internacional e da competição intercapitalista, ocasionada pelo desequilíbrio de poder pós-1918, e (ii) instabilidades inerentes à financeirização, entre elas o retorno paulatino e desequilibrado ao padrão ouro (Arrighi; Silver 2001 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p.19). Além disso, também é possível observar dois elementos característicos deste ciclo: seu regime de acumulação, que foi extensivo, baseado por famílias pouco integradas verticalmente, mas que recebiam auxílio do Banco da Inglaterra, este que fomentava expansões de crédito; e o elemento político-diplomático, onde ocorreu uma estruturação do Sistema de Viena (1815-1914) pela Grã-Bretanha (Arrighi; Silver 2001, apud PEREIRA; SARDO, 2022, p.19-20).

Destarte, com a crise terminal do CSA britânico, tem início o CSA norte-americano, este que começou a partir da expansão material na década de 1850, visto que, após a crise terminal do CSA britânico, os EUA tornaram-se a maior economia mundial, sendo que foi a Segunda Guerra Mundial que consagrou a hegemonia dos Estados Unidos, esta que era baseada na coerção de capacidades militares e em um consenso, dado a partir de um novo SFI (Bretton Woods) com ordenação e regulação. "Este novo SFI Bretton Woods se baseava na tríade de iniciativas de (i) restrição de mobilidade de capitais internacionais, (ii) câmbio fixo e (iii) autonomia de política monetária (Eichengreen 2011 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 20).

Os Estados Unidos conseguiam fornecer sua própria proteção, além de fornecer para outros aliados, conseguindo internalizar seus custos de proteção e produção, mas também sendo precursores "na formação das corporações multinacionais integradas verticalmente; a classe capitalista americana também foi capaz de internalizar os custos de

transação, ou seja, internalizar os mercados dos quais dependia a auto expansão de seu capital" (SILVER; ARRIGHI, 2012, p. 88). Segundo Hendler (2021) a era de ouro do capitalismo (1945-1973) foi marcada pelo auge/plena expansão da hegemonia dos EUA (HENDLER, 2021, p. 98). Assim, a última fase de expansão material do CSA norte-americano ocorre de 1945 a 1973, sustentado por elementos de coerção e consenso. Além disso, durante o período de ascensão e plena expansão do longo século americano, tem-se que

os Estados Unidos já eram mais do que um Estado nacional plenamente desenvolvido. Eram um complexo militar-industrial de dimensões continentais, com poder suficiente para fornecer a uma vasta gama de governos subalternos e aliados uma proteção efetiva, e para fazer ameaças verossímeis de estrangulamento econômico ou aniquilação militar a governos inamistosos, em qualquer parte do mundo. Combinando-se com o tamanho, a insularidade e a riqueza natural de seu território, esse poder permitiu à classe capitalista norte-americana internalizar não apenas a proteção e os custos de produção, como já fizera a classe britânica, mas também os custos de transação, ou seja, os mercados de que dependia a auto-expansão de seu capital (ARRIGHI, 1996, p. 223).

Entretanto, a hegemonia dos EUA entrou em crise a partir da década de 1970, devido a fatores como, por exemplo, a Guerra do Vietnã e possível colapso do sistema Bretton Woods. Hendler (2021) também elenca outros fatores como condicionantes para a crise da hegemonia norte-americana, como a crise do padrão ouro-dólar, a existência de uma disputa econômica com Japão e Alemanha Ocidental, além de uma crise no campo moral, devido às crises sociais nos Estados Unidos. Com isso,

a crise de 1973 iniciou um período de pressão sobre os lucros até 1996 e marcou a crise sinalizadora do CSA norte-americano e, portanto, sua expansão financeira (Visentini 1992). Junto ao fim da expansão material estadunidense, 1973 também encerrou a hegemonia dos EUA, haja vista que o SFI pós-1945 proposto por Washington se tornou insustentável, purgando o elemento de consenso da hegemonia norte-americana (Arrighi 2013; Arrighi; Silver 2001 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 21).

O CSA norte-americano é caracterizado pelo tipo intensivo, como é visto na figura 2, onde, além da internalização dos custos de proteção e produção, também ocorreu a internalização dos custos de transação. [...] era baseado em grandes empresas multinacionais verticalmente integradas (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 21). Tal internalização dos custos de produção possibilita

internalizar num único campo organizacional atividades e transações antes executadas por unidades empresariais distintas permitiu que as empresas formadas por diferentes unidades e dotadas de integração vertical reduzissem e tornasse mais fáceis de calcular os custos de transação - isto é, os custos associados à transferência de insumos intermediários, através da longa cadeia de domínios organizacionais separados que vinculam a produção primária do consumo final (ARRIGHI, 1996, p. 246).

Já pelo elemento político-diplomático, os EUA foram responsáveis pela mundialização do equilíbrio de poderes, por meio do Sistema de Ialta (1945-1991), no qual o concerto mundial se tornou, pela primeira vez, bipolar (Arrighi 2013; Kennedy 1988 apud PEREIRA; SARDO; 2022, p. 21). Além disso, haveria uma anomalia importante no presente ciclo, que seria a partir da localização geográfica do que seria os poderes financeiro e militar, visto que há um grande investimento, por parte de multinacionais norte-americanas, na China. Assim, o fluxo de capital tem sido do centro econômico em ascensão para o centro econômico em declínio (SILVER; ARRIGHI, 2012).

No que se refere aos períodos hegemônicos, tem-se que

Em todos os três casos - holandês, britânico e norte-americano - a hegemonia é efeito de longos períodos de expansão competitiva (...) que [resulta] em uma concentração particular de poder econômico e político. No curso dessas expansões competitivas, a nação hegemônica obtém sua margem decisiva de superioridade, primeiro, na produção, depois, no comércio e, por fim, nas finanças. Mas a hegemonia só é solidamente conquistada através da vitória em uma guerra mundial de trinta anos - a Guerra dos Trinta Anos, de 1618 a 1648, as Guerras Napoleônicas, de 1792 a 1815, e as longas guerras eurásianas de 1914 a 1945. A vantagem econômica do vencedor é ampliada pelo próprio processo da guerra, e o acordo do pós-guerra entre as nações destina-se a consolidar essa vantagem maior e protegê-la do desgaste (Wallerstein, 1984, p. 39-44) (ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 33).

De acordo com Silver e Arrighi (2012) houve mudanças que fizeram com que o "Segundo Século Americano" não ocorresse de fato. A explosão da bolha financeira, em 2000 e 2001, além dos fatores Guerra do Iraque e falha da administração Bush para lidar com um Novo Século Americano, além da crise financeira de 2008 e o crescimento chinês, além de outros aspectos, fizeram com que dissipasse a possibilidade de haver um Segundo Século Americano.

Silver e Arrighi (2012) argumentam que a crise financeira de 2008 seria um dos indicadores de que estaríamos vivendo o período de outono da hegemonia mundial americana, e, por consequência, do ciclo sistêmico norte-americano. Isso porque, como ocorreu nos outros ciclos, o capital americano mudou de forma crescente para o setor financeiro e para longe do comércio e da produção (SILVER; ARRIGHI, 2012, p. 80). Estaríamos, portanto, em um período de final do outono da hegemonia norte-americana e de seu ciclo sistêmico, além de que também estaria em ocorrência o início da primavera de um novo século longo (SILVER; ARRIGHI, 2012, p. 85). Outrossim, para o início do ciclo sistêmico, seria necessário que houvesse uma liderança muito maior e complexa do que os Estados Unidos, sendo que a evolução exposta na figura 1 seja um movimento em direção a algum tipo de Estado-mundo (SILVER; ARRIGHI, 2012, p. 88).

Dessa maneira, é neste cenário de crise da hegemonia norte-americana que emerge uma China revigorada. Disso, Hendler (2021) expõe que tal afloramento chinês seria feito em duas etapas,

primeiro, de forma associada aos EUA, tanto na economia (pela dependência das

exportações ao mercado norte-americano e dos investimentos de suas empresas transnacionais) quanto na geopolítica (pela aproximação Nixon-Mao, que isolou a URSS e conferiu legitimidade internacional à República Popular da China). Segundo, [...] pela ascensão desassociada (ou autônoma) da China. Em termos diplomáticos, o país deslocou-se dos EUA já em 1989, por conta de repressão aos estudantes na Praça da Paz Celestial, mas em termos econômicos a desacoplagem ganhou forma apenas após a crise de 2008 (HENDLER, 2021, p. 98-99).

2.4 O CONCEITO GRAMSCIANO DE HEGEMONIA

A partir do que foi exposto por Antonio Gramsci, Giovanni Arrighi toma-o como base para fundamentar parte de seu entendimento acerca da conceituação do termo de hegemonia. Dessa maneira, de acordo com Hendler (2012), Arrighi tem uma aproximação com os escritos de Robert Cox, assim como o de Joseph Nye, metaforizando o conceito de hegemonia como a figura de um Centauro, este que teria uma parte humana e uma parte animal (COX, 2007, p. 105), além de que tal liderança exercida por um hegemom derivaria de um consenso, bem como de coerção. Com isso, a derivação conceitual de hegemonia para Arrighi e Silver (2001) é derivada, como já mencionado, daquilo que foi trabalhado por Antonio Gramsci, sendo hegemonia, então,

a supremacia de um grupo social manifesta-se de duas maneiras, como dominação e como liderança intelectual e moral. Um grupo social domina grupos antagônicos que tende a liquidar ou subjugar, talvez até pela força armada; ele lidera grupos aparentados ou aliados (Gramsci, 1971, p. 57-58 (ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 35).

Também, para Arrighi (1996), acerca do conceito de hegemonia, tem-se que

O conceito de hegemonia mundial aqui adotado, no entanto, refere-se especificamente à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas. Em princípio, esse poder pode implicar apenas a gestão corriqueira desse sistema, tal como instituído num dado momento. Historicamente, entretanto, o governo de um sistema de Estados soberanos sempre implicou algum tipo de ação transformadora, que alterou fundamentalmente o modo de funcionamento do sistema (ARRIGHI, 1996, p. 27).

Dessa maneira, com base no que foi escrito por Antônio Gramsci, Arrighi (1996) determina que uma hegemonia está vinculada a uma "dominação", bem como uma "liderança intelectual e moral", tendo em vista que há uma dominação por parte de determinado grupo social sobre grupos que são antagônicos. Além disso, tal grupo social também exerce uma função de liderança, mesmo quando já detém o poder em suas mãos. No que se refere ao poder mundial,

a dominação será concebida como primordialmente fundamentada na coerção; a hegemonia, por sua vez, será entendida como o poder adicional que é conquistado por um grupo dominante, em virtude de sua capacidade de colocar num plano universal todas as questões que geram conflito (ARRIGHI, 1996, p. 28).

Seguindo o que foi exposto por Arrighi acerca de hegemonias, o autor continua estabelecendo que "um Estado dominante exerce uma função hegemônica quando lidera o sistema de Estados numa direção desejada e, com isso, é percebido como buscando um interesse geral. É esse tipo de liderança que torna hegemônico o Estado dominante"(ARRIGHI, 1996, p. 29). Dessa maneira, tem-se uma relação do poder hegemônico com a capacidade do mesmo em se demonstrar como aquele que possui um interesse coletivo, e também faz-se necessário que esse poder seja percebido assim, o que resultaria numa ampliação de seu poder através do consenso, ao invés da coerção (ARRIGHI; SILVER, 2001 apud HENDLER, 2012). Ou seja, é necessário que um poder hegemônico tenha credibilidade e atue de forma a atrair e demonstrar que seus objetivos são interligados com os interesses do coletivo, dos grupos subordinados. Isso porque, quando não se tem essa credibilidade conquistada pelo poder hegemônico, existe, para Arrighi e Silver (2001), uma "dominação sem hegemonia". Para além da coerção e do consenso, existe um terceiro elemento essencial, que também atuaria de forma a sustentar o que seria o tripé de poder de um hegemom, que seria "a centralidade econômica no modo de produção e a capacidade de atender as demandas materiais de desenvolvimento dos subordinados"(HENDLER, 2012, p. 27). Ou seja, seria necessário que, indo além do domínio coercitivo, um poder hegemônico necessitaria orientar seus seguidores para construir o que seria um futuro benéfico ao coletivo (HENDLER, 2012, p. 27). Portanto, de acordo com o exposto, hegemonia no SMM consiste em três pilares: centralidade econômica na economia-mundo capitalista, superioridade militar e liderança por consenso.

Outrossim, também ocorre que o processo de um Estado tornar-se hegemônico em nível mundial pode ser dado com a alegação, por parte de um Estado, de que o mesmo seria

força motriz de uma expansão geral do poder coletivo dos governantes perante os indivíduos. Ou, inversamente, pode tornar-se mundialmente hegemônico por ser capaz de afirmar, com credibilidade, que a expansão de seu poder em relação a um ou até a todos os outros Estados é do interesse geral dos cidadãos de todos eles (ARRIGHI, 1996, p. 30).

Com isso, Arrighi, ao utilizar o conceito de hegemonia nas relações interestatais, faz uma identificação de dois tipos de liderança hegemônica. A primeira, que se relaciona com características distributivas, onde "[...]um Estado dominante torna-se o "modelo" a ser imitado por outros"(ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 36), e seria decorrente de uma liderança que, quando ocorre uma imitação da mesma com algum sucesso por parte dos outros, esta passa a contrabalançar, deflacionando-se o seu poder hegemônico, e fazendo surgir concorrentes e reduzindo o "caráter especial" que ela tem (GILPIN, 1981 apud ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 36).

O segundo tipo de liderança hegemônica existente decorre de uma liderança em que sua atuação é percebida como aquela que busca um interesse geral, que conduz as outras nações em uma direção almejada pelo coletivo. Assim, "a liderança, tomada nesse

sentido, aumenta o poder do Estado dominante e é o que adotaremos como característica definidora das hegemônias mundiais"(ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 36), e, também, nesse tipo de liderança ocorre que "o Estado líder estabelece uma relação de soma positiva, ou seja, de cooperação e benefícios mútuos com os grupos dominantes do sistema, havendo um aumento de poder coletivo em relação a terceiros ou à natureza"(ARRIGHI, 2001, p. 36 apud HENDLER, 2012, p. 27).

O entendimento de Hendler (2012) do que foi exposto por Arrighi e Silver (2001), é que

o tripé da hegemonia das elites que operam um Estado pode ser derivado para o plano interestatal. A) Coerção: Embora a assimetria de poder bélico da hegemonia em relação aos demais países não seja idêntica ao monopólio da violência do Estado sobre seus cidadãos, a hegemonia dispõe de uma superioridade coercitiva considerável - o chamado *hard power*; B) consenso: o apelo consensual se traduz na capacidade do Estado hegemônico em ser visto como o defensor de valores coletivos e garantidor de ordem e estabilidade sistêmica - o *soft power*; e C) centralidade econômica: a importância das elites na economia nacional se traduz na capacidade dos agentes empresariais hegemônicos em atrair e acumular capital, alçando seu país à centralidade da economia mundo capitalista. (HENDLER, 2012, p. 28).

Joseph Nye também apresenta uma visão semelhante acerca de poder, mesmo apesar de que as premissas e abordagens de sua perspectiva neoliberal sejam divergentes. Para Nye, o poder se exerce a partir do uso da força, de pagamentos (atração econômica), bem como do consenso, que é obtido a partir do *soft power*. Para Nye (2015) o poder seria a capacidade de agir, de afetar os outros, a fim de obter os resultados desejados. E isso poderia ser feito, como já mencionado, a partir de três formas, que seriam pela coerção (porrete), de pagamentos (cenouras), ou através da atração e da persuasão. Enquanto os porretes e cenouras seriam formas de um poder duro (*hard power*), atração e a persuasão, por sua vez, seriam formas de um poder brando (*soft power*). Segundo o autor, seria necessário observar essas três dimensões do poder em conjunto, visto que todas são importantes para definir um poder, e não somente observar uma isoladamente. Dessa maneira, no que diz respeito à perspectiva de Nye sobre a derrocada do poderio norte-americano, ele expõe que o poder econômico não deveria ser analisado separadamente para definir o "século americano". Assim, "Quando a China ultrapassar os EUA em tamanho econômico total, não estaremos automaticamente testemunhando o fim do século americano se nós considerarmos todas as três dimensões de poder"⁴(NYE, 2015, p. 11, tradução nossa).

De acordo com ARRIGHI; SILVER, 2001, tem-se a denominação dos períodos hegemônicos como sendo percebidos como um "círculo virtuoso", onde ocorreria um reforço mútuo da paz social com a ampliação comercial e produtiva. Em oposição a isso, os

⁴No original: So when China passes the United States in total economic size, we will not automatically be witnessing the end of the American century if we consider all three dimensions of economic, military, and soft power.

períodos de transição hegemônica, por sua vez, seriam denominados como períodos de um "círculo vicioso", onde o aumento da competitividade entre os Estados e empresas interliga-se com o que seria "um conflito social crescente e cada vez mais disfuncional, levando a períodos de revoltas sistêmicas, colapsos estatais e revoluções"(ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 161). Com isso, momentos de transição hegemônica seriam caracterizados como "momentos de mudança do agente principal dos processos mundiais de acumulação de capital e das estruturas político-econômicas em que tais processos estão inseridos"(ARRIGHI; SILVER, 2001, p. 161).

Assim, partindo do entendimento do que foi exposto acerca de períodos hegemônicos e períodos de transição hegemônica, o presente trabalho entende que está em curso um momento de transição de poder, isso sendo identificado a partir da ascensão chinesa no SMM, que seria a potência emergente, e a partir do declínio relativo do poderio norte-americano. Disso, do presente ciclo, que seria um "círculo vicioso", faz-se necessário entender essa derrocada do poder dos Estados Unidos e aumento do poder chinês, para posteriormente entender os impactos disso sobre o Brasil, que está na semiperiferia. Ademais, acerca das três esferas, os três pilares do poder hegemônico, que seriam a centralidade econômica na economia-mundo capitalista, a superioridade militar e liderança por consenso, tem-se que essas três esferas são aquelas que entram em disputa entre hegemônias em declínio e potências em ascensão, e, portanto, as mesmas serão utilizadas mais adiante, para se analisar a projeção da China e dos Estados Unidos no Brasil. Para tanto, o próximo capítulo será voltado para a compreensão e levantamento desses aspectos relacionados ao processo de declínio de uma potência hegemônica e, por sua vez, de ascensão de uma potência, a fim de demonstrar o presente momento de transição de poder.

Desse modo, o presente trabalho também irá fazer, no terceiro capítulo, uma análise do caso do Brasil, para buscar compreender se a China passou os Estados Unidos como principal potência que projeta seu poder na semiperiferia, neste caso, no Brasil. Dessa maneira, a partir dos conceitos dos três tipos de poder expostos por Joseph Nye, e também do debate de consenso, coerção e centralidade no CSA, que foram trabalhados por Giovanni Arrighi, procuramos realizar essa análise. Com isso, serão utilizados os indicadores apresentados no portal do Lowy Institute, para poder fazer uma relação deles com os três tipos de poder apresentados por Arrighi e Nye. Assim, o critério da capacidade econômica e das relações econômicas, bem como seus indicadores, relacionam-se com o poder de pagamentos (atração econômica), o da influência cultural bem como o da influência diplomática e seus indicadores relacionam-se com o poder de consenso (poder brando), o da capacidade militar, assim como os das redes de defesa e seus indicadores relacionam-se com o poder duro. Para tanto, essa análise será feita no terceiro capítulo do presente trabalho, buscando relacionar a projeção dos poderes norte-americano e chinês no Brasil com base nos critérios e indicadores mencionados

3 A EXPANSÃO FINANCEIRA NORTE-AMERICANA E A EXPANSÃO MATERIAL CHINESA

3.1 CRISE DA HEGEMONIA NORTE-AMERICANA

Como já foi exposto anteriormente neste trabalho, um Ciclo Sistêmico de Acumulação possui duas fases distintas. A primeira fase é a de Expansão Material, onde a acumulação de capital é tida a partir dos lucros advindos das atividades produtivas e comerciais. Entretanto, devido a diversas razões, como, por exemplo, o aumento da competição e rivalidades interestatais, acontece um declínio dos lucros. A partir dessa situação, ocorre um direcionamento, por parte dos capitalistas, de seus investimentos para aplicações financeiras, o que dá início à fase de Expansão Financeira, onde os maiores lucros são derivados justamente dessas operações financeiras (VIEIRA, 2022).

Dos anos de 1945 ao início da década de 1970, os Estados Unidos foram uma potência hegemônica, surgindo como líderes que eram reconhecidos nos eixos econômico, político, militar e também no âmbito moral. Assim, foi durante esse período que se deu a fase de Expansão Material do CSA dos EUA, que foi a fase em que o mesmo teve uma maior prosperidade, e que ficou conhecida como a Idade de Ouro do capitalismo (VIEIRA, 2022, p. 110). Assim, para Arrighi (1996) as décadas de 1950 e 1960, bem como as de 1850 e 1860, representaram uma fase de expansão material (DM) da economia mundial capitalista. Durante esse tempo, o excedente de capital foi reinvestido no comércio e na produção de mercadorias, isso sendo feito em uma escala tão significativa que fez com que fossem criadas condições para uma renovação na cooperação e na divisão do trabalho. Com isso, a velocidade, escala e também a abrangência da transformação do capital excedente em mercadorias foram notavelmente superiores no CSA dos EUA, mas a fase de expansão material nas décadas de 1950 e 1960 teve semelhanças com as outras fases de expansão material dos CSA, visto que o próprio desdobramento gerou uma intensificação significativa das pressões competitivas sobre todas as organizações governamentais e empresariais na economia mundial capitalista. Dessa maneira, tal processo resultou em uma retirada massiva do capital monetário do setor comercial e produtivo.

De acordo com o exposto por Arrighi (1996), é a partir de 1970 que tem-se o declínio do poder norte-americano, visto que "no início da década de 1970, a expansão transformou-se em desaceleração. Face ao declínio das taxas de lucro, o capital procurou os maiores lucros no mercado financeiro mundial"(VIEIRA, 2022, p. 110). Isso porque houveram mudanças que aconteceram entre 1968-73, onde

Durante esses anos, os depósitos no chamado mercado de eurodólares ou de eurodivisas passaram por uma alta repentina, seguida por vinte anos de cresci-

mento explosivo. E, durante esses mesmos seis anos, o sistema de paridades fixas entre as principais moedas nacionais e o dólar norte-americano, bem como entre o dólar norte-americano e o ouro, que tinha vigorado durante toda a fase de expansão material, foi abandonado em favor do sistema de taxas de câmbio flexíveis ou flutuantes - um sistema que alguns (como Aglietta, 1979b, p. 831) não consideram ser sequer um sistema, mas apenas a forma assumida pela crise do sistema preexistente (ARRIGHI, 1996, p. 308).

Dessa maneira, visto tais fatores mencionados, na década de 1970 tem-se que "o volume das transações puramente monetárias realizadas nos mercados monetários offshore já ultrapassava em muitas vezes o valor do comércio mundial"(ARRIGHI, 1996, p. 309). Assim, inicia-se o processo de expansão financeira (que vincula-se ao período de queda de um CSA). Isso porque, nessa época, houve um aumento das pressões sobre o dólar, e, com isso, no ano de 1971, o então presidente norte-americano da época, Nixon, decide unilateralmente por dar fim à paridade do ouro-dólar, o que fez com que um dos pilares de Bretton Woods fosse derrubado, o que dá fim à Expansão Material do longo século americano e dando início ao declínio hegemônico dos EUA (VIEIRA, 2022, p. 111). Ou seja, o "longo século"americano passa a entrar em declínio.

Para Arrighi (1996), seriam três esferas diferentes, mas que possuem relações estreitas, que assinalaram a crise iminente do CSA norte-americano. A primeira, de âmbito militar, seria vinculada às dificuldades encontradas pelo exército norte-americano na Guerra do Vietnã. A segunda, de aspecto financeiro, seria a dificuldade advinda do Sistema de Reserva Federal dos EUA, e uma posterior dificuldade de preservação da maneira de emissão e regulação do dinheiro mundial. Por sua vez, no fator ideológico, tem-se que houve uma diminuição da legitimidade da cruzada anticomunista que era feita pelos EUA. Assim, já em 1973, devido à rápida danificação da crise, ocorreu o recuo do governo norte-americano em suas áreas de atuação. Dessa maneira, os EUA não mais exerce hegemonia como liderança e a capacidade de oferecer ao mundo um caminho de desenvolvimento econômico que poderia beneficiar - embora de forma desigual - todos os países, como aconteceu nas décadas de 1950 e 1960 (VIEIRA, 2022, p. 112).

Para o autor Samir Amin (2004), os Estados Unidos seriam o único hegemom, visto que, pelo menos na questão militar, nenhum outro Estado equivaleria militarmente aos EUA. Samir estabelece que "os EUA exercem sua função de xerife do mundo, ainda que para isso, tenha recorrido, em muitos casos, a ações arbitrárias, como as incursões militares no Oriente Médio" (DOS SANTOS, 2013, p. 105). Além disso, para Fiori (2008) os Estados Unidos apresentaria uma capacidade de ser superior aos outros Estados, isso nos âmbitos econômico e militar. Para o autor, Wallerstein e Arrighi apresentariam a visão de que o declínio da hegemonia norte-americana se deu a partir da década de 1970, com a guerra do Vietnã, crise do petróleo e com o fim do padrão dólar. Isso porque a guerra do Vietnã repercutiu negativamente sobre o poderio militar, visto que demonstrou a fragilidade do exército norte-americano. Por sua vez, o fim do padrão ouro, em 1971, fez com que "a economia americana passou a se abrir de forma ampla ao capital internacional e os ame-

ricanos passaram por momentos de crises inflacionárias, que para Wallerstein, seriam um forte indício do começo do fim da hegemonia americana"(DOS SANTOS, 2013, p. 105). A crise do petróleo, a seu modo, também se constituiu como uma dificuldade enfrentada pela hegemonia americana, visto o uso do petróleo como arma política por parte dos árabes (SANTOS, 2013, p. 106).

Como já foi abordado anteriormente neste trabalho, Arrighi dividiu o longo século XX em três fases: a primeira, que seria da expansão financeira, e que ocorreu do fim do século XIX ao início do século XX; a de predomínio norte-americano, que é ligada à uma expansão mundial comercial e produtiva, que ocorreu de 1950 à 1960; e a terceira e última fase, que seria de uma expansão financeira e que vincula-se ao "último momento de um único processo histórico de ascensão, expansão e crise do regime estadunidense de acumulação capitalista em escala mundial"(DE ALMEIDA, 2010, p. 81). A última fase, para Arrighi,

culminará na fundação de um novo regime de acumulação que substituirá o estadunidense, resultado do esgotamento da reestruturação organizacional deste país, que levará ao corte de custos, inclusive pela substituição de mão de obra proletária por força de trabalho intelectual e científica na produção (automação e tecnologia com base científica) (DE ALMEIDA, 2010, p. 81).

Segundo Cox (1986) o processo de ascensão e de desempenho de papel dominante dos Estados Unidos está atrelado ao concomitante declínio da hegemonia da Grã-Bretanha. Apesar disso, atualmente o cenário mudou, mesmo com os Estados Unidos ainda tendo grande poder econômico e político, isso porque "apesar da supremacia militar, os estadunidenses sofreram uma derrota significativa no Vietnã e encontraram sérias dificuldades na atual Guerra do Iraque"(DE OLIVEIRA et al, 2009, p. 2). Dessa maneira, com a hegemonia norte-americana estando em processo de declínio, de acordo com os teóricos da economia-mundo, estaria ocorrendo uma ação de ingresso no caos sistêmicos, com uma inclinação do deslocamento do polo hegemônico para a região da Ásia Oriental (Arrighi & Silver, 2001:13 apud DE ALMEIDA, 2010, p. 82).

3.2 A EXPANSÃO FINANCEIRA NORTE-AMERICANA E A EXPANSÃO MATERIAL DO LESTE ASIÁTICO

De 1973 a 1993, ocorreu um período de estagnação econômica nos mercados capitalistas mais avançados [...]. Estas duas décadas de estagnação e retração da economia mundial podem ser caracterizadas como um período de (i) retração do comércio internacional devido à flexibilização das taxas de câmbio, (ii) de desvalorização do dólar após o fim do padrão ouro e (iii) de instabilidade financeira e cambial devido ao retorno da livre mobilidade de capitais internacionais (Arrighi 2008). Sendo assim, pelos aspectos elencados, o que vigorou na economia mundial pós-1973 é um não sistema financeiro internacional, isto é, um sistema sem regulamentação e altamente instável (Eichengreen 2011 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 21-22).

Dessa maneira, de 1973 a 1981 ocorre um primeiro momento de crise, inflação e desvalorização do dólar, sendo que de 1970 à 1990, as empresas norte-americanas passam por um processo de reestruturação para competirem com maior eficácia com as empresas japonesas, o que acarretou em uma substituição das grandes empresas para empresas terceirizadas, como o Wal-Mart, com (Arrighi 2008, 353 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 23). Assim, outra tendência gerada pela expansão financeira é o processo de desindustrialização, visto que o capital circulante foge para o capital portador de juros. Nisso, "a partir de 1981, a estratégia estadunidense se reorientou para elevação das taxas de juros internas e para supervalorização do dólar, atraindo capital externo às custas das empresas nacionais"(PEREIRA; SARDO, 2022, p. 23). A partir de 1989, ocorre uma onda de desregulamentação dos mercados nacionais, sendo esta uma onda liberalizante

Com isso, para Vieira (2022), tem-se que

[...] a hegemonia dos EUA - tal como definida neste ensaio - continuou a declinar após a Guerra ao Terror e a sua tentativa de se impor ao mundo através das suas forças militares não teve sucesso. O outro lado deste declínio constante é o impressionante poder econômico e financeiro com que a China entrou no século XXI, aparecendo para muitos como um sério candidato a uma nova hegemonia (VIEIRA, 2022, p. 120, tradução nossa).

Assim, a partir da década de 1950, inicia-se uma expansão material no leste asiático, enfocada na China e no Japão, este junto com sua zona de cooperação, que é formada por Hong Kong, Cingapura, Coreia do Sul, Taiwan, Malásia, Indonésia, Filipinas e Tailândia. De acordo com Arrighi

[...] a reincorporação da China continental nos mercados regionais e globais re-colocou em jogo uma nação cujas dimensões demográficas, cuja abundância de recursos empresariais e de mão-de-obra e cujo potencial de crescimento ultrapassaram facilmente os de todas as outras nações atuantes na região, inclusive os Estados Unidos (Arrighi; Silver 2001, 276 apud PEREIRA; SARDO, 2022, p. 24-25).

Tem-se uma simbiose interdependente entre Estados Unidos e China, este que era vinculado a necessidade de crescimento econômico chinês e pela sustentação da expansão financeira dos Estados Unidos (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 25). Dessa maneira,

[...] ao unirem-se as duas pontas do processo a expansão financeira norte-americana e a expansão material do leste asiático, evidenciam-se as duas causas que levaram ao cenário de superliquidez na economia dos EUA nos anos 2000, cenário que acarretou na crise de 2008 (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 26).

Vinculado à isso, tem-se que

desde a década de 1980, o Leste Asiático foram os que mais se beneficiaram da financeirização da economia norte-americana, com destaque para a China nas décadas de 1990 e 2000. Os investimentos financeiros estrangeiros e o privilégio de emitir dólares libertaram os Estados Unidos da preocupação com os

déficits externos e com as suas contas públicas, permitindo importações crescentes da China, cujo excedentes foram investidos em títulos dos EUA. Através deste acordo, os EUA permitiram o ressurgimento econômico e político da China, e este país contribuiu para a continuidade da posição do dólar como moeda mundial e do domínio dos EUA sem hegemonia (VIEIRA, 2022, p. 126, tradução nossa).

Acerca da construção do eixo sino-americano, Pautasso (2019) estabelece que ocorre que tal processo se interliga com o que foi exposto por Giovanni Arrighi, em 2008. Isso porque, na visão do autor, a expansão financeira do CSA norte-americano desencadeou um deslocamento do centro econômico global, que anteriormente se concentrava no Atlântico Norte, para a Ásia Oriental. Dessa maneira, tal processo ocasionou no renascimento da influência asiática, que foi liderada pela civilização chinesa e na reconstrução do sistema sinocêntrico. No que se refere às causas identificáveis nas crises sistêmicas, Pereira e Sardo (2022) elencam duas: "(i) aumento dos gastos militares por parte do Estado dominante e (ii) aumento da instabilidade financeira internacional"(PEREIRA; SARDO, 2022, p. 29) sendo que também pode haver uma terceira causa, que é característica de um CSAs do capitalismo maduro, qual seja (iii) a crise do capital. O marco teórico inicial do presente trabalho, qual seja o ano de 2008, é tido como o ano da crise de 2008, esta que é uma crise sistêmica e uma crise terminal do CSA dos Estados Unidos, devido pontos comuns como

(i) o aumento dos gastos militares por parte do Estado dominante é equivalente à empreitada militar estadunidense no Iraque a partir de 2003; (ii) o aumento da instabilidade financeira internacional está presente desde o desmantelamento de Bretton-Woods em 1973 e afetou uma miríade de Estados em desenvolvimento até atingir os próprios EUA; (iii) finalmente, estes dois elementos conjuntos desencadearam a própria crise do capital em 2008 (PEREIRA; SARDO, 2022, p. 30).

3.3 A ASCENSÃO CHINESA COMO GRANDE POTÊNCIA E SUA EXPANSÃO MATERIAL

Segundo Chase-Dunn e Kwon (2012), Arrighi entende o "desenvolvimento da sociedade de mercado na China como uma consequência das diferenças entre o Leste Asiático e os sistemas eurocêntricos antes de eles se fundem no século 19, e também como resultado da Revolução Chinesa"(CHASE-DUNN, KWON, 2012, p.110). Assim, para Pautasso (2019), no cenário da ascensão ininterrupta da China, é crucial compreender não somente a natureza desse fenômeno, como também o impacto que ela possui no reordenamento sistêmico, agindo de maneira a alterar as configurações de poder existentes.

Ocorreram transformações econômicas e políticas internacionais na primeira década do século XXI, bem como o retorno e a emergência de Estados ganhando destaque.

A China se configura como um desses casos, visto que a mesma teve uma elevação de poder, este que foi decorrente do "seu forte dinamismo econômico, que se articulou com o crescimento da Ásia, da África, da América Latina e da Europa"(AL., 2011). Ademais, a economia da China obteve um crescimento de 10% nos 30 anos anteriores, o que Cintra e Pinto (2017) denominaram a China como sendo a fábrica do mundo. Dessa maneira, a unipolaridade do sistema internacional parece estar mudando, com uma diminuição do poder relativo dos Estados Unidos em decorrência do aumento do poder relativo de outros Estados, tal como a China. Isso porque

Nas últimas três décadas, a China apresentou uma elevada taxa de crescimento médio do Produto Interno Bruto (PIB) (10% entre 1980 e 2010) e um crescimento significativo do PIB per capita (em preço corrente) que saltou de US\$ 205,1 em 1980 para US\$ 4.282,9 em 2010. Esse dinamismo alimenta a ascensão chinesa para, cada vez mais, ocupar posições centrais na economia mundial (ACIOLY et al, 2011, p. 4).

De acordo com Nonnenberg (2010), nenhum outro país obteve um ritmo de crescimento perto como a China após o início das reformas, visto que países como os Tigres Asiáticos e o Japão cresceram com taxas anuais que variam de 7% à 8%, com somente Taiwan alcançando 9,4%. Isso porque "a diferença entre as taxas alcançadas por esses países, entre 6% e 7%, e a média para a China, de 9,7% a.a., é bastante considerável em períodos muito longos como esses"(NONNENBERG, 2010). Além disso, tem-se que também houve um aumento da participação chinesa no PIB global, onde, a partir de 1990, esse aumento foi de 273%, indo de 1,8%, em 1990, para 3,7%, em 2000. Tal aumento também pode ser observado nos anos posteriores, visto um aceleração na década de 2000, onde de "2000 e 2005, período de expansão da economia mundial, a participação elevou-se de 3,7% para 5% (crescimento de 369%), tendência ampliada entre 2005 e 2010, em virtude da crise internacional"(ACIOLY et al, 2011, p. 4). Assim, mesmo durante um período de crise, tal impacto foi menor na China, visto que sua participação foi de 5% para 9,3%, o que representa um bom crescimento.

Acerca disso, Vieira (2022) assinala que os Estados Unidos desempenharam um importante papel no renascimento chinês, durante a década de 1980, visto que os mesmos atuaram de forma a facilitar o acesso da China tanto no mundo quanto nos próprios mercados americanos. Isso porque as decisões estratégicas que foram adotadas pelo presidente norte-americano à época, Bill Clinton, tais como a de 1994, que renovou o status da China como nação mais favorecida e desvinculou a consideração dos direitos humanos, ou a de 1999, onde a formalização de um histórico acordo comercial entre EUA e China resultou na redução permanente das barreiras comerciais para diversos produtos chineses. Esse tratado, gerou uma dinâmica de reciprocidade: devido seus benefícios, a China comprometeu-se a abrir seu mercado em troca de obter acesso aos mercados norte-americanos e europeus aos produtos chineses durante sua candidatura à entrada na Organização do Comércio Mundial. Isso foi um fator de grande importância, visto que

no ano de 2001 a China conseguiu de fato sua admissão à OMC. Para Pautasso (2019), acerca dessa relação entre Estados Unidos e China, é notório que

[...] a construção do eixo sino-americano articulou a globalização financeira estadunidense ao embrionário milagre econômico chinês, impulsionando mudanças significativas na divisão internacional do trabalho e, conseqüentemente, nas configurações de poder no mundo. Trata-se de uma integração produtiva entre Estados Unidos e China assentada em IEDs estadunidenses e na conformação de cadeias produtivas industriais globalizadas, incluindo empresas de países ou regiões asiáticas. Ou seja, esse novo eixo sino-americano de acumulação, apesar de cada vez mais prenhe de contradições geopolíticas, possui sinérgicas complementaridades comerciais (ampliação da corrente de comércio), produtivas (articulação entre as empresas estadunidenses e chinesas na cadeia global de produção) e financeiras (reservas estrangeiras da China e títulos do Tesouro dos Estados Unidos) (Pinto 2011). (PAUTASSO, 2019, p. 188).

A partir de Cintra e Pinto (2017), é importante notar que

essa trajetória chinesa de desenvolvimento, ainda em construção, e que pressupõe um processo de aprendizado contínuo com avanços e recuos, articula uma estratégia nacional, inserida regional e globalmente, que tem como objetivo tornar a China um país moderno, rico e poderoso. Com isso, as políticas macroeconômica, industrial, de ciência e tecnologia, externa e de segurança, são direcionadas pelo Estado para a construção de uma estabilidade política, a melhoria das condições de vida do povo chinês e a reconquista de uma posição internacional autônoma (CINTRA e PINTO, 2017, p. 382).

Cintra e Pinto (2017), a partir de Medeiros, 2013; Bresser-Pereira, 2011; Pinto e Gonçalves, 2014 também nomeiam que a trajetória de desenvolvimento chinesa não possui um paralelo histórico, e Pautasso (2019) pontua que a trajetória de desenvolvimento, bem como da inserção internacional chinesa atua de maneira a tensionar as estruturas hegemônicas de poder, estas que historicamente têm sido focadas nos Estados Unidos e em seus aliados. Acerca da trajetória de desenvolvimento e o fato da mesma não apresentar paralelo histórico, temos que

após décadas de vertiginoso crescimento e desenvolvimento econômico, o Produto Interno Bruto (PIB) da China, em termo de paridade do poder de compra, alcançou US\$ 18 trilhões (US\$ 10,4 trilhões a preços correntes) em 2014, superando o dos Estados Unidos, de US\$ 17,4 trilhões (em termo de paridade do poder de compra e a preços correntes), segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). Naturalmente, como a população chinesa é mais de quatro vezes maior, seu PIB per capita atingiu US\$ 13,2 mil em termo de paridade do poder de compra (US\$ 7,6 mil a preços correntes), menos de um quarto do registrado pelos Estados Unidos (US\$ 54,6 mil) (CINTRA e PINTO, 2017, p. 383).

Para Pautasso (2019) a política de Reforma e Abertura, adotada por Deng Xiaoping, foi estabelecida para tentar superar contradições internas e externas na China, atuando de maneira a ajustar estratégias tanto para o desenvolvimento nacional quanto para a sua inserção internacional, sendo que considera as complexidades das dimensões internas e externas da China. Acerca disso, tem-se que

Essa política desencadeada por Deng Xiaoping se insere num quadro, simultaneamente, de reestruturação tanto do capitalismo, quanto do poder global dos Estados Unidos. Por um lado, iniciava-se a 3ª Revolução Industrial, com novos mecanismos de organização da produção (toyotismo) e uma emergente divisão internacional do trabalho. Por outro, o hegemônio (Estados Unidos) buscava restabelecer o controle sobre o sistema monetário-financeiro internacional através do padrão dólar flexível, combinado com a escalada militar dos anos 1980 (Reagan) contra a URSS, com a ofensiva comercial contra Japão e Alemanha (Acordo de Plaza-1985) e com a respectiva aproximação com a China comunista num quadro de retirada estadunidense do Vietnã e de acirramento da rivalidade de ambos, China e Estados Unidos, com a URSS. O caso chinês é sintomático da capacidade de formulação de políticas nacionais adequadas às mudanças sistêmicas, demonstrando a possibilidade de superação das vulnerabilidades domésticas e internacionais. (PAUTASSO, 2019, p. 188).

Segundo Nonnenberg et al (2008) a indústria seria a grande responsável pela expansão da atividade na China. Isso porque, como pode ser observado na tabela 4, "as taxas de variação do setor secundário são maiores do que as do setor primário em todos os quatro subperíodos e superior às do terciário nos três últimos"(AL., 2008). Isto vincula-se ao processo de Reforma e Abertura chinês de 1978, visto que, a decisão do governo de iniciá-lo, foi com a finalidade de promover incentivo à industrialização. Assim, é normal esperado que o crescimento chinês tenha sido liderado pela indústria e que tenha sido intensivo em acumulação de capital.

Tabela 1 – Taxas médias de crescimento do produto por setor na China (em %)

Período	PIB	Primário	Secundário	Terciário
1979-1987	9,9	5,9	10,6	12,9
1988-1990	6,3	4,3	7	6,9
1991-1994	12,6	3,9	18,3	10,8
1995-2006	9,3	3,7	10,6	9,8

Fonte: Nonnenberg et al (2008).

Algumas perguntas se fazem necessárias para compreender tal ascensão chinesa no sistema internacional: "como a China conseguiu em apenas três décadas mudar de forma significativa a sua importância no sistema mundial? O que explica o "milagre econômico chinês"?"(ACIOLY et al, 2011, p. 8). Tais questões podem ser respondidas devido a condicionantes externos e internos, sendo que, como já foi mencionado, é no ano de 1978 que intensificam-se as condições foram necessárias para o desenvolvimento chinês. Ou seja, é a partir daí que as condições começam a se abrir, mesmo que as mesmas já tenham iniciado-se anteriormente. Dessa maneira, Deng Xiaoping, primeiro secretário geral do Partido Comunista Chinês, determinou o lançamento de sua estratégia de crescimento econômico e modernização, isso sendo feito a partir do ano de 1978, com o início das reformas. Disso, tem-se que neste período, o PIB apresentou um crescimento real médio anual de 10% - que se compara com uma taxa de 3,7% para o período 1960-

1977 -, ao mesmo tempo em que a inflação, na média, foi de 6% ao ano (NONNENBERG, 2010). Assim,

A estratégia institucional adotada por Deng e seus seguidores, para criar esse espaço de aprendizado das práticas econômicas estrangeiras, fora a configuração das Zonas Econômicas Especiais (ZEE) que segundo Cunha & Acioly (2009) nada mais eram do que Zonas de Processamento de Exportações (ZPE), porém numa escala de operação muito superior as outras experiências asiáticas, que representou a delegação de parte do poder de decisões econômicas da autoridade central para as autoridades locais. Em julho de 1979, o Comitê Central e o Conselho de Estado concederam a Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen o status de zonas especiais, com o objetivo de atrair investimentos estrangeiros que, em contrapartida, introduziriam tecnologias e métodos modernos de administração. Capitais estes que seriam atraídos por benefícios concedidos pelo governo, tais como tarifas reduzidas, infraestrutura, menos burocracia, salários flexíveis etc (ACIOLY et al, 2011, p. 9).

Acerca deste ponto, Cintra e Pinto (2017) complementam que a estratégia de aspecto militar de se afastar da União Soviética e se aproximar com os Estados Unidos, além da estratégia no âmbito econômico da implementação, feita por Deng Xiaoping a partir de 1978, das "quatro modernizações", abrangendo o campo da agricultura, exército, indústria e tecnologia, agiram de modo a fortalecer o que seria o Estado unitário e centralizado da China, uma vez que possibilitou que o mesmo recuperasse seu aspecto milenar e "imperial (Império do Meio) de guardião da unidade e do 'interesse universal' do território e da civilização chinesa. Para Deng Xiaoping: o desenvolvimento do país deveria estar sempre a serviço da sua política de defesa" (CINTRA e PINTO, 2017, p. 383). Desse modo, seria o Estado chinês aquele responsável por fazer uma estratégia e objetivar o desenvolvimento próprio. Assim,

A autoridade política deve gerir a economia de forma a produzir mais riqueza, de maneira cada vez mais eficaz, para construir um país moderno, rico e poderoso. As políticas macroeconômica, industrial, comercial, de ciência e tecnologia, de defesa devem estar a serviço da grande estratégia social e nacional, e da luta pela conquista ou reconquista de uma posição internacional autônoma e preeminente. A planificação estratégica visa à harmonia, vale dizer, ao equilíbrio de forças. Nesse sentido, os interesses privados (ou capitalistas) não devem ser poderosos o suficiente para ameaçar a supremacia incontestável do Estado, que mantém um amplo conjunto de empresas e bancos públicos e regula rigorosamente diversas esferas econômicas e as relações com o exterior. Por conseguinte, os mecanismos de mercado a taxa de juros, a taxa de câmbio, a tributação, os preços são um instrumento e não um fim em si mesmos; e a abertura econômica assume a condição de eficácia que conduz a uma diretriz operacional, qual seja, alcançar e ultrapassar os concorrentes estrangeiros (Kroeber, 2011, p. 2, Aglietta e Bai, 2012, p. 17) (CINTRA e PINTO, 2017, p. 383).

Outrossim, outro ponto importante acerca da Reforma e Abertura, encabeçada por Deng Xiaoping é que

Durante a política de Reforma de Abertura, do final da década de 1970, a ênfase chinesa recaía sobre o desenvolvimento da capacidade produtiva nacional, com atração de investimentos estrangeiros voltados para a internalização de capital e

de tecnologias; a partir dos anos 1990, a China já ensaiava a projeção de seus investimentos externos, priorizando países periféricos; desde 2005, entretanto, a China tem expandido seus investimentos no exterior numa evidente transformação qualitativa da expansão dos seus negócios (Zhu 2018). Alinhada a essa dinâmica, foi elaborada, em 1999, a estratégia Going Global, justamente no contexto de ingresso do país na OMC (2001), voltada para a ampliação da segurança em recursos naturais, alimentares e energéticos, via controle das cadeias de valor desses setores em outros países. Atualmente, a China desenvolve a Going Global 2.0 com o objetivo central de promover demanda à economia nacional, alavancando-a por meio da Nova Rota da Seda (PAUTASSO, 2019, p. 190-191).

Nesse sentido, devido ao fato da continuidade da autoridade política maior, ou seja, o à continuidade do Partido Comunista Chinês, as reformas implementadas são sempre "graduais, orientadas por uma visão de longo prazo, avaliadas de forma pragmática e implementadas de modo experimental, o que pressupõe um processo de aprendizado com avanços e recuos contínuo" (CINTRA e PINTO, 2017, p. 384). Além disso, a segunda etapa dessa abertura ao exterior foi feita em 1984, a partir da criação de catorze "Zonas de Desenvolvimento Econômico e Tecnológico (ZDET)" - dentre as quais Xangai - que poderiam negociar novos incentivos para atrair capital estrangeiro (ACIOLY et al, 2011, p. 9). Também ocorreu, em 1986, a eliminação do monopólio do governo sobre o comércio exterior, o que permitiu uma maior liberdade de exportação e importação de bens e serviços. Assim, de 1978, com reforço em 1992, foi quando ocorreu a estratégia econômica e política que produziu dois padrões de crescimento: promover exportações e de gerar desenvolvimento interno. Disso, tem-se que a estratégia de promover exportações foi vital para o crescimento chinês da China, sendo que a mesma esta foi incentivada pelas Zonas Econômicas Especiais e também pela política cambial chinesa, esta que seria assegurada por uma visão de longo prazo. Também, é importante destacar que

a expansão da corrente do comércio chinesa é fruto de uma estratégia econômica e política complexa de crescimento que se articula ao desenvolvimento interno, puxada, ao longo do tempo, pela elevação do investimento públicos em infraestrutura (política fiscal expansionista) e pela configuração de políticas de crédito subsidiado para as empresas estatais e de políticas industriais destinadas à geração de ganhos gerenciais e produtivos das empresas chinesas, em especial as estatais que não se encontravam sob o regime das ZEE (ACIOLY et al, 2011, p. 11-12).

Além dos condicionantes internos anteriormente mencionados, existem condicionantes externos que contribuem para a ascensão chinesa no sistema mundial. Isso porque, de acordo com Acioly et al (2011), os condicionantes econômicos e políticos externos desempenharam uma importante função para o início e manutenção do que seria o dinamismo econômico chinês. Dessa maneira, eles seriam condicionantes associados: "i) à aproximação entre os Estados Unidos e a China; ii) à ofensiva comercial americana contra o Japão por meio do Acordo de Plaza em 1985; iii) a ascensão da China na OMC; e iv) à configuração do eixo sino-americano" (ACIOLY et al, 2011, p. 13).

Em primeiro plano, a aproximação entre EUA e China se deu a partir do isolamento e do desgaste da com a então União Soviética, sendo que isso durou até o ano de 1989, e "possibilitou uma nova inserção geopolítica da China e sua arrancada exportadora, em virtude da abertura do mercado ocidental aos seu produtos, bem como do acesso chinês ao financiamento internacional" (ACIOLY, 2011, p. 14). Assim, tal aproximação teve como resultado a criação de bases para uma relação econômica siamesa, abarcando o âmbito comercial, produtivo e financeiro, entre as partes nos anos 2000. Por sua vez, a partir do Acordo Plaza, de 1985, tem-se o lançamento de uma ofensiva comercial ao Japão, esta sendo feita a partir dos Estados Unidos. Isso provocou profundas transformações na dinâmica macroeconômica regional do Sudeste Asiático, gerando forte deslocamento de capital asiático, sobretudo japonês, para os "tigres de 1ª e 2ª geração e para a China" (ACIOLY, 2011, p. 14). Nisso, tendo em vista a desvalorização monetária japonesa, em 1995, e a quebra financeira do Sudeste Asiático, no ano de 1997, tem-se a fragilização do modelo de crescimento dos chamados gansos voadores, e a imersão de uma China na região asiática.

A ascensão da China na OMC, no ano de 2001, também foi importante para consolidar a inserção chinesa na economia mundial. Entretanto, tal entrada, além de ter gerado ganhos para a China, também gerou custos, visto que "as regras de acesso foram mais duras do que as impostas para outros países em ascensão" (ACIOLY, 2011, p. 14). Por seu turno, a configuração do eixo sino-americano também pode ser elencada como importante para o avanço econômico chinês. Isso porque a China, na década de 1990, havia conseguido atingir condições econômicas estruturais para manter o seu dinamismo extraordinário [...]. Dinamismo este que criou uma complementaridade econômica (comercial, produtiva e financeira) cada vez maior com os Estados Unidos (ACIOLY, 2011, p. 15). Assim,

No pano comercial, a relação sino-americana, ao longo da década de 2000, foi marcada pelo (i) aumento da corrente de comércio (exportações + importações) acima da corrente mundial, pela (ii) elevação do déficit comercial norte-americano com a China; pela (iii) redução na participação das importações chinesas de maior valor agregado oriundas dos Estados Unidos (tendência esta também observada para as importações chinesas oriundas da África e América Latina e contrária para o total das importações chinesas); e pelo (vi) aumento explosivo da participação de produtos de maior valor agregado das exportações chinesas para os Estados Unidos e também para o mundo. Na verdade, essas mudanças refletiram e foram o reflexo do processo de ampliação da integração comercial, produtiva e financeira nos anos 2000 que conectaram novos fluxos financeiros e comerciais, centrado no impressionante crescimento das exportações e importações chinesa (PINTO, 2011) (ACIOLY, 2011, p. 15).

Do mesmo modo, uma das principais fontes do grande e importante crescimento chinês nos últimos anos seria o comércio internacional, visto que

Vários dos fatores importantes na explicação do desempenho chinês influenciam o crescimento do país por meio de seus impactos sobre as exportações. O baixo

custo da mão-de-obra confere à China vantagens de custo expressivas em relação a outros países nos mais variados produtos. Da mesma forma, grande parcela dos investimentos estrangeiros outro componente fundamental do crescimento chinês recente atraídos para a China nos últimos anos são investimentos voltados ao processamento de exportações. A importância do comércio internacional no crescimento chinês é evidenciada pelo aumento da participação dos fluxos comerciais (importações mais exportações) no PIB. Na primeira metade dos anos 1990, os fluxos de comércio representavam menos de 40% do PIB, subindo para cerca de 65% em 2003 (BID, 2005) (NONNENBERG et al, 2008, p. 11).

3.4 CRISE HEGEMÔNICA E ACIRRAMENTO DE DISPUTAS COM EMERGENTES

Na visão de Cox (2007), o termo hegemonia é frequentemente utilizado para determinar temáticas envolvendo os Estados e o sistema mundial, o que por sua vez limita o entendimento de que essas hegemonias alcançam esse patamar por conta de internas revoluções sociais e econômicas:

Portanto, uma hegemonia mundial é, em seus primórdios, uma expansão para o exterior da hegemonia interna (nacional) estabelecida por uma classe social dominante [...] a hegemonia no plano internacional não é apenas uma ordem entre Estados. É uma ordem no interior de uma economia mundial com um modo de produção dominante que penetra todos os países e se vincula a outros modos de produção subordinados. [...] A hegemonia mundial pode ser definida como uma estrutura social, uma estrutura econômica e uma estrutura política, e não pode ser apenas uma dessas estruturas: tem de ser todas as três ao mesmo tempo (COX, 2007, p. 118).

Por sua vez, Arrighi, segundo Martins (2021), compreende a hegemonia como um processo que seria mais amplo e complicado do que aquilo que foi gerado pelo entendimento de Wallerstein. Assim,

a hegemonia constitui-se em um arranjo histórico, dinâmico, multifacetado de dimensões heterogêneas, que inclui o institucional, o ideológico e o militar, em âmbito político; o produtivo, o comercial e o financeiro, em âmbito econômico; e a liderança da burguesia e suas frações mais dinâmicas sobre as classes e o poder estatal, em âmbito social. Durante o exercício da hegemonia desenvolvem-se contradições entre as suas múltiplas dimensões que levam a pontos de inflexão e sua divisão em duas fases: a fase A, de expansão; e a fase B, de crise. Na fase B, a força produtiva, comercial e militar do Estado hegemônico tende a se deteriorar perante as potências emergentes, mas ele ainda se apoia em seu poder financeiro para manter sua liderança política internacional. A passagem da crise para o caos sistêmico seria marcada pelo colapso da sua liderança financeira e política, pela ruptura do consenso internacional em favor de tendências centrífugas e pelo desenvolvimento de uma bifurcação de poder por aproximadamente trinta anos, que se desdobra em guerras para reorganizar o sistema mundial (MARTINS, 2021, p. 48).

Para Chase-Dunn e Kwon (2012), desde o século XV houveram quatro períodos de hegemonia no sistema moderno, sendo que estes, antes de serem hegemônicos, eram

ex-parte da semiperiferias, posteriormente centrais, até chegarem ao status de hegemonia. Dessa maneira, durante os períodos hegemônicos, ocorreram períodos em que havia rivalidade hegemônica, dada a partir da luta pelo poder global que era travada por diversos candidatos. Assim, era multicêntrico o núcleo do sistema-mundo moderno, com a existência de alianças e de competições entre estados soberanos. Com isso, tem-se que "a sequência de hegemonias pode ser compreendida como a evolução da governança global no sistema moderno" (CHASE-DUNN, KWON, 2012, p. 100), onde, de forma proporcional ao sistema, cada uma dessas hegemonias ultrapassou a hegemonia antecedente em tamanho, desenvolvendo instituições a fim de controlar a economia e o político-militar, estes que agiram de forma a guiar o sistema ampliado, possibilitando que o capitalismo penetrasse ainda mais as áreas do mundo.

Além disso, para Silver e Arrighi (2012), as expansões materiais sistêmicas só desencadearam quando a potência econômica emergente conseguiu fazer estabelecer sua hegemonia, segundo o sentido gramsciano. Em outras palavras, ela foi capaz de liderar a criação de arranjos institucionais globais (financeiros, geopolíticos e sociais) capazes de garantir a segurança necessária para uma expansão material abrangente. Assim, já que o próprio sistema mundial passou por mudanças de um século para o outro, a natureza dessas instituições globais também se transformaram de maneira significativa.

O caos sistêmico, segundo Arrighi e Silver (2001), é caracterizado como uma situação de grande desorganização sistêmica, que parece ser irreversível. Com isso, a configuração dominante de poder se agrava ainda mais quando a intensificação da competição e dos conflitos ultrapassa a capacidade reguladora das estruturas existentes e faz com que surjam novas formas nos interstícios. Essa perturbação, então, tende a se autoalimentar, ameaçando ou mesmo provocando um colapso total na organização do sistema. Assim,

As expansões financeiras têm um impacto contraditório nessa tendência. Por um lado, mantêm-na sob controle, inflando temporariamente o poder do Estado hegemônico em declínio. Como "outono" dos grandes avanços capitalistas, as expansões financeiras são também o outono das estruturas hegemônicas em que se inserem esses avanços. São o momento em que o líder de uma grande expansão do comércio e da produção mundiais que está chegando ao fim colhe os frutos de sua liderança, sob a forma de um acesso privilegiado à liquidez hiperabundante que se acumula nos mercados financeiros mundiais. Esse acesso privilegiado permite que a nação hegemônica em declínio barre, pelo menos por algum tempo, as forças que desafiam a continuidade de sua dominação (ARRIGHI, SILVER, 2001, p. 42).

Além disso,

Por outro lado, as expansões financeiras fortalecem essas mesmas forças, ampliando e aprofundando o alcance da competição interestatal e interempresarial e do conflito social, e transferindo o capital para as estruturas emergentes que prometam maior segurança ou lucros mais elevados do que a estrutura dominante. Assim, os Estados hegemônicos em declínio veem-se confrontados com a tarefa sisífrica de conter forças que continuam a rolar com um vigor sempre renovado. Cedo ou tarde, até uma pequena perturbação é capaz de inclinar a balança a

favor das forças que, consciente ou inconscientemente, estão minando a já precária estabilidade das estruturas existentes, com isso provocando um colapso da organização sistêmica. (ARRIGHI, SILVER, 2001, p. 42)

Dessa maneira, para Arrighi e Silver (2001), os colapsos hegemônicos representam momentos decisivos nas transições hegemônicas. Eles são o momento onde o processo de organização sistêmica, que fora estabelecido pela nação hegemônica em declínio, acaba por se desintegrar, o que dá espaço ao período de caos sistêmico. Apesar disso, também é nesse momento que há o forjamento de novas hegemônias. Então, se formos parar para analisar o vigente contexto do CSA norte-americano, podemos perceber, como já foi exposto neste presente trabalho, que o mesmo encontra-se em um período de declínio, o que pode ser percebido a partir da expansão financeira dos Estados Unidos, que evidencia seu momento de crise sistêmica. Por outro lado, é nesse cenário que surge uma China revigorada, passando por um processo de expansão material sistêmica, e sendo percebida como um emergente que conseguiu se beneficiar dos acontecimentos do CSA norte-americano. Com isso, este trabalho visa entender e levantar quais seriam os impactos de tal cenário para um Estado semiperiférico como o Brasil, buscando entender sobre como esses processos se refletem para tal país Sul-Americano. Assim sendo, o próximo capítulo será voltado para realizar uma análise, a partir de indicadores, para que se possa compreender as nuances e consequências de tal cenário para o Brasil.

4 OS IMPACTOS PARA A SEMIPERIFERIA (BRASIL)

Como já foi exposto no primeiro capítulo, pretende-se relacionar conceitos trabalhados por Giovanni Arrighi e Joseph Nye com indicadores metodológicos para tratar acerca do cenário de declínio relativo do poderio norte-americano e ascensão chinesa no sistema-mundo e os impactos desse processo para o Brasil, que encontra-se na semiperiferia. Dessa maneira, faz-se necessário uma retomada desses conceitos neste capítulo, para posteriormente ser trabalhado os dados empíricos.

Em primeiro plano, tem-se que Giovanni Arrighi (1996) determina que o conceito de hegemonia mundial está vinculado à capacidade de um Estado de conseguir desempenhar papéis de liderança e de governança em um sistema com outras nações soberanas. Com isso, esse tipo de poder iria além da mera "dominação" pura e simples, visto que o mesmo se manifesta como uma forma de influência que ultrapassa a força bruta, e é influenciado pelo exercício da "liderança intelectual e moral". Ademais, uma hegemonia desempenha um papel em que seu poder é conquistado e que consegue se demonstrar como universal para os demais (ARRIGHI, 1996, p. 27-28). Desse modo, Antonio Gramsci escreveu que o poder hegemônico, baseando-se no poder bicéfalo de Maquiavel, é um poder que manifesta-se tanto através do consenso quanto através da coerção, e que tem-se que "[...] a terminologia de hegemonia não apenas no sentido de dominação, mas, primordialmente, no sentido de guiar, conduzir" (REIS; HENDLER, 2010).

Arrighi (1996) a partir de Antonio Gramsci e suas formulações advindas da concepção de Maquiavel, estabelece que o poder seria formado a partir de uma junção entre consentimento e coerção, visto que, enquanto a coerção pressupõe a aplicação de força ou uma ameaça de força considerada credível, o consentimento está associado à liderança moral (ARRIGHI, 1996, p. 28). Ademais, para Arrighi, "um Estado dominante exerce uma função hegemônica quando lidera o sistema de Estados numa direção desejada e, com isso, é percebido como buscando um interesse geral. É esse tipo de liderança que torna hegemônico o Estado dominante" (ARRIGHI, 1996, p. 29). Então, existe uma correlação entre o Estado hegemônico e seu exercício de poder com uma necessidade do mesmo de exercer uma liderança que seja aceita pelos demais Estados, bem como do mesmo atuar de maneira a visar por um interesse geral, universal. Esse consenso da hegemonia é adquirido quando o hegemon oferece bens públicos internacionais, onde todos os demais Estados podem desfrutar durante o processo de acumulação de capital. Exemplos do mesmo seria

[...] bens comuns, tais como a proteção do comércio marítimo e o levantamento e mapeamento dos oceanos do mundo [no século XIX]. Graças a essa percepção, em vez de inspirar questionamentos, a dominação britânica obteve uma grande parcela de aceitação voluntária entre as nações ocidentais (Arrighi; Silver, 2001, p. 69 apud Pereira; Sardo, 2022, p. 13).

Gramsci, a partir do entendimento de Reis e Hendler (2010) argumenta que o poder hegemônico é assentado através do consenso e coerção, como já foi exposto. Entretanto, esse poder também é caracterizado por um terceiro elemento, que seria o da centralidade econômica, que atua de maneira a possibilitar, de forma material, a existência do poder bicéfalo. Portanto,

O papel central que o grupo hegemônico desempenha na produção lhe dá grande influência sobre a economia como um todo, mas esse potencial deve se transformar em realidade por meio da ação política consciente (Augelli; Murphy, 2007, p. 205-27 apud Reis; Hendler, 2010, p. 3)

Assim, nas palavras de Arrighi (1996), tem-se que as hegemonias somente surgem quando o único propósito da ação estatal não é a busca pelo poder. De fato, essa busca pelo poder no sistema interestatal caracteriza somente um aspecto da abordagem que conjuntamente define a estratégia e a estrutura dos Estados como organizações. Por sua vez, o outro lado da moeda seria a maximização do poder em relação aos cidadãos, visto que um Estado pode conseguir se tornar um hegemon mundial ao conseguir se afirmar como a força motriz que guia uma expansão geral do poder coletivo dos governantes sobre os indivíduos. De maneira inversa, esse Estado também pode conseguir a hegemonia mundial ao ser capaz de alegar, de maneira crível, que a expansão de seu poder em relação a um ou demais Estados é do interesse geral dos cidadãos dessas outras nações. Ou seja, ele consegue persuadir e conquistar a opinião pública, obtendo o consenso dos cidadãos desses outros Estados (ARRIGHI, 1996, p. 29-30). Dessa forma, conforme foi delineado a partir dos escritos de Giovanni Arrighi, a hegemonia no Sistema Mundial Moderno (SMM) fundamenta-se em três pilares principais: o da centralidade econômica na economia-mundo capitalista, no da superioridade militar (ou da coerção), bem como o da liderança construída através do consenso.

O autor norte-americano Joseph Nye também possui uma visão parecida com a de Giovanni Arrighi acerca de poder. Para Nye (2011) poder seria definido como a capacidade de realizar ações e, em contextos sociais, conseguir influenciar outros para que sejam alcançados os resultados esperados. O autor conceitua o poder brando como aquele em que há uma capacidade de fazer com que os outros desejem o mesmo que você deseja. Assim,

[...] O poder brando está em imediata oposição ao poder duro: a capacidade de fazer que outros façam o que você quer. O poder duro, tradicionalmente abordado pelas teorias de Relações Internacionais, pressupõe posicionamento ativo e direto, expresso por meio de estímulos ou ameaças e normalmente relacionado com a força militar e os recursos econômicos. O poder brando, por sua vez, também chamado por Nye de cooptativo ou indireto, reside na atração exercida por um conjunto de idéias defendidas, ou na capacidade de definir agendas políticas que moldem as preferências expressas por outros. Assim, o poder brando é vinculado a recursos intangíveis como cultura, ideologia e instituições (idem: 31-35) (RAMOS; ZAHRAN, 2006)

Outrossim, como já mencionado, há uma correlação entre o que foi exposto por Joseph Nye com o que foi trabalhado por Antonio Gramsci acerca do conceito de hegemonia. Isso porque

Percebe-se claramente a influência do conceito de hegemonia tal qual definido por Gramsci no desenvolvimento da idéia de poder brando feito por Nye. A hegemonia, assim como o poder brando, pressupõe consentimento: consentimento sobre um conjunto de princípios gerais que garantam a supremacia da classe ou grupo social dominante para Nye, o Estado e proporcionem algum grau de satisfação aos grupos e classes subalternos. Nye concorda com esses autores quando considera que o Estado encontrará muito menos resistência na busca por seus interesses se seu poder for entendido como legítimo por parte dos demais Estados. (RAMOS; ZAHRAN, 2006).

Como já foi exposto anteriormente neste trabalho, na visão de Nye, o exercício do poder se desdobra por meio da aplicação da força, de incentivos financeiros (atração econômica) e do consenso, este último conquistado através do poder suave. Para Nye (2015), poder é a capacidade de agir e influenciar os outros para alcançar os resultados desejados. Essa capacidade pode ser manifestada de três maneiras: pela coerção (uso de força), por incentivos financeiros (cenouras) ou por meio da atração e persuasão. Enquanto a coerção e os incentivos financeiros representam formas de poder rígido (hard power), a atração e persuasão são formas de poder flexível (soft power). O autor enfatiza a importância de considerar essas três dimensões do poder de forma integrada, pois todas desempenham um papel crucial na definição do poder, ao invés de serem analisadas de maneira isolada, visto que o poder econômico, de maneira isolada, não deve ser utilizado para definir o século americano. Dessa maneira, para Nye (2015), no momento em que a China ultrapassar os Estados Unidos em dimensões econômicas totais, não necessariamente estaríamos presenciando de maneira automática ao fim do século norte-americano se for levado em consideração todas as três dimensões do poder, que são o lado econômico, militar e brando (JR., 2015).

Dessa maneira, a seguir será realizada uma análise específica do caso brasileiro, a fim de compreender se a China ultrapassou os Estados Unidos como a principal potência que projeta seu poder na semiperiferia brasileira. Para tal, será feito uso dos conceitos dos três tipos de poder delineados e trabalhados por Joseph Nye, bem como do debate acerca do consenso, coerção e centralidade no Sistema Mundo Moderno, conforme foi trabalhado por Giovanni Arrighi.

A análise a ser feita será embasada em alguns indicadores selecionados do portal Lowy Institute, e visa-se estabelecer uma relação entre esses indicadores e os três tipos de poder discutidos e trabalhados por Arrighi e Nye. Esses indicadores e mensurações são os critérios de capacidade econômica e relações econômicas, juntamente com seus respectivos indicadores, que serão associados ao poder de pagamentos (atração econômica). Da mesma forma, os elementos da influência cultural, influência diplomática e seus indicadores relacionam-se ao poder do consenso (poder brando). Por sua vez, a capaci-

dade militar e seus indicadores serão correlacionados com o poder duro (coerção). Dessa maneira, visa-se, a partir deste ponto, examinar a projeção dos poderes norte-americanos e chinês no Brasil, utilizando como recurso os critérios e indicadores mencionados para a análise, sendo que o recorte temporal inicial será o ano de 2008, e o recorte temporal final será o ano de 2022, com a finalidade de realizar uma comparação das mudanças ocorridas entre esses dois anos.

Como já foi exposto anteriormente neste trabalho, na visão de Nye, o exercício do poder se desdobra por meio da aplicação da força, de incentivos financeiros (atração econômica) e do consenso, este último conquistado através do poder suave. Para Nye (2015), poder é a capacidade de agir e influenciar os outros para alcançar os resultados desejados. Essa capacidade pode ser manifestada de três maneiras: pela coerção (uso de força), por incentivos financeiros (cenouras) ou por meio da atração e persuasão. Enquanto a coerção e os incentivos financeiros representam formas de poder rígido (*hard power*), a atração e persuasão são formas de poder flexível (*soft power*). O autor enfatiza a importância de considerar essas três dimensões do poder de forma integrada, pois todas desempenham um papel crucial na definição do poder, ao invés de serem analisadas de maneira isolada, visto que o poder econômico, de maneira isolada, não deve ser utilizado para definir o século americano. Dessa maneira, para Nye (2015), no momento em que a China ultrapassar os Estados Unidos em dimensões econômicas totais, não necessariamente estaríamos presenciando de maneira automática ao fim do século norte-americano se for levado em consideração todas as três dimensões do poder, que são o lado econômico, militar e brando (NYE, 2015, p. 12).

Dessa maneira, a seguir será realizada uma análise específica do caso brasileiro, a fim de compreender se a China ultrapassou os Estados Unidos como a principal potência que projeta seu poder na semiperiferia brasileira. Para tal, será feito uso dos conceitos dos três tipos de poder delineados e trabalhados por Joseph Nye, bem como do debate acerca do consenso, coerção e centralidade no Sistema Mundo Moderno, conforme foi trabalhado por Giovanni Arrighi.

A análise a ser feita será embasada em alguns indicadores selecionados do portal Lowy Institute, e visa-se estabelecer uma relação entre esses indicadores e os três tipos de poder discutidos e trabalhados por Arrighi e Nye. Esses indicadores e mensurações são os critérios de capacidade econômica e relações econômicas, juntamente com seus respectivos indicadores, que serão associados ao poder de pagamentos (atração econômica). Da mesma forma, os elementos da influência cultural, influência diplomática e seus indicadores relacionam-se ao poder do consenso (poder brando). Por sua vez, a capacidade militar e seus indicadores serão correlacionados com o poder duro (coerção). Dessa maneira, visa-se, a partir deste ponto, examinar a projeção dos poderes norte-americanos e chinês no Brasil, utilizando como recurso os critérios e indicadores mencionados para a análise, sendo que o recorte temporal inicial será o ano de 2008, e o recorte temporal final

será o ano de 2022, com a finalidade de realizar uma comparação das mudanças ocorridas entre esses dois anos.

Outrossim, é importante destacar que os cálculos das médias dos valores dos indicadores das tabelas foi inspirado no trabalho de Corrêa (2022). Dessa maneira, o cálculo é baseado na seguinte fórmula:

$$CR_{\text{indicadorx}} = \frac{\text{indx}_{p(a)}}{\text{indx}_{p(a)} + \text{indx}_{p(b)}} \quad (4.1)$$

Fonte: (CORRÊA, 2023)

Com isso, é necessário uma explicação da fórmula a partir do que foi exposto por Corrêa (2023). $CR_{\text{indicadorx}}$ diz respeito aos recursos relativos de cada indicador das tabelas, no caso a respeito da capacidade econômica, relações econômicas, cultural, diplomática ou militar. Assim, $p(a)$ ou $p(b)$ refere-se ao país China ou ao país EUA, sendo, então, um total dos recursos para uma capacidade específica.

Em primeiro plano, tem-se a dimensão da capacidade econômica, que relaciona-se ao poder de pagamentos (atração econômica). Essa dimensão, diferentemente das demais, irá focar somente em dados da China e dos Estados Unidos, com um levantamento quantitativo desses aspectos. Assim sendo, tem-se que:

Tabela 2 – Capacidade Econômica 2008.

Submedidas	Indicadores	T1 (2008)		Média		Fontes
		China	EUA	China (%)	EUA (%)	
Tamanho	PIB Mundial	\$4,594,310,000,000	\$14,712,800,000,000	23,80%	76,20%	Banco Mundial
	PIB per capita em PPP	\$10,033,234,295,479,8	\$14,712,844,084,000	40,54%	59,46%	Banco Mundial
	População	1,325 bilhão	304,1 milhões	81,33%	18,67%	IBGE
International leverage	Corporações gigantes	94	598	13,58%	86,42%	Lowy Institute
Tecnologia	Exportações High Tech	\$390,967,000,000	\$243,005,000,000	61,67%	38,33%	Banco Mundial
	Exportações globais	\$ 1.497.868.782.937,82	\$ 1.835.280.000.000,00	44,94%	55,06%	Banco Mundial
Conectividade	Importações globais	\$ 1.149.036.249.787,73	\$ 2.576.151.000.000,00	30,85%	69,15%	Banco Mundial
	FDI Outflows (milhões)	\$56,742,000	\$320,941,000	15,02%	84,98%	Banco Mundial
	Centros de viagem					Lowy Institute
	Frota mercante					Lowy Institute

Fonte: Elaborado Pelo Autor

Tabela 3 – Capacidade Econômica 2022.

Submedidas	Indicadores	T2 (2022)		Média		Fontes
		China	EUA	China (%)	EUA (%)	
Tamanho	PIB Mundial	\$17.963.170.521.079,80	\$25.462.700.000.000,00	41,37%	58,63%	Banco Mundial
	PIB per capita em PPP População	\$30,327,320.30	\$25,462,700.00	54,36%	45,64%	Banco Mundial Banco Mundial
International leverage	Corporações gigantes	1.412.175.000	333.287.557	80,91%	19,09%	IBGE
Tecnologia	Exportações High Tech	351	595	37,10%	62,90%	Lowy Institute
Conectividade	Exportações globais	\$942,314,815.52 (2021)	\$169,217,253.98 (2021)	84,77%	15,23%	Banco Mundial
	Importações globais	\$3,714,245.22	\$2,539,648.00 (2021)	59,39%	40,61%	Banco Mundial
	FDI Outflows (milhões)	\$3,137,594.11	\$3,401,361.00 (2021)	47,98%	52,02%	Banco Mundial
	Centros de viagem	\$109,922,000	\$264,791,000	29,33%	70,67%	Banco Mundial
	Frota mercante	53	169	23,87%	76,13%	Lowy Institute
		322,972k dwt	12,528k dwt	96,27%	3,73%	Lowy Institute

Fonte: Elaborado Pelo Autor

Para relatar o que está exposto na tabela, tem-se que, no que diz respeito ao tamanho do PIB mundial, no ano de 2008 os Estados Unidos estavam na frente da China, visto que os primeiros obtinham um valor de \$14,712,800,000,000, enquanto a China tinha \$4,594,310,000,000. Ou seja, o PIB da China representava 23,80% do total entre os dois no ano de 2008, enquanto do PIB norte-americano representava 76,20%, o que pode ser considerado como uma grande divergência existente entre os valores de ambos. Em 2022, por seu turno, o PIB mundial norte-americano foi de \$25,462,700,000,000, enquanto o da China representava \$17,963,170,521,079,80. Dessa vez, o PIB chinês condizia a cerca de 41,37% do PIB total entre os dois, o que representa um grande aumento no PIB da China desde o ano de 2008, visto que, dessa vez, o PIB norte-americano representava 58,63% do total entre os dois Estados, o que denota uma queda percentual, se comparado com o ano de 2008. Por sua vez, o PIB per capita em paridade do poder de compra dos Estados Unidos era de \$14,712,844,084,000 em 2008, enquanto o da China era de \$10,033,234,295,479,8 e este representava 40,54% do total do PIB per capita em paridade do poder de compra entre ambos, enquanto o dos EUA representava 59,46%. Já em 2022, o PIB per capita em paridade do poder de compra dos EUA é de \$25,462,700.000, enquanto o da China foi de \$30,327,320.30, e, dessa vez, o PIB PPC da China era de 54,36% do total entre as duas partes, enquanto o dos EUA representava 45,64%. Esses dados mostram que os chineses obtiveram um aumento de 66,92% no PIB PPC de 2008 à 2022, o que é bastante significativo.

No que diz respeito ao contingente populacional, pode-se observar que neste aspecto a China claramente obtém vantagem, visto que, já em 2008, apresentava uma população de 1,325 bilhão, enquanto os EUA possuíam uma população de 304,1 milhões. Assim, se for feita uma média comparativa entre os dois dados, observa-se que a população chinesa representa 81,33% do total entre ambos no ano de 2008, enquanto a população norte-americana representava 18,67% das partes. Já no ano de 2022, a população chinesa representava 1,412,175,00 habitantes, e os EUA 333,287,557 no total, e pode ser

observado que a população chinesa obtém 80,91% do total entre as duas partes, enquanto a população norte-americana se caracteriza por 19,09%. Observa-se, então, que houve um pequeno crescimento na porcentagem da população norte-americana de 2008 à 2022, visto que essa obteve um acréscimo de 0,42%. Por sua vez, houve um decréscimo na porcentagem da população chinesa de 2008 à 2022, com uma queda de 0,42%.

Acerca dos gigantes corporacionais, observa-se que, em 2008, a China possuía 94 corporações gigantes, enquanto os EUA possuíam 598 no total. Isso representava 13,58% de organizações corporacionais gigantes chinesas entre as duas partes, enquanto os EUA tinham cerca de 86,42%. Entretanto, em 2022 o cenário já muda relativamente, visto que a China passa a ter 351 organizações, e os EUA 595. Dessa maneira, a China passa a ter 37,10% do total entre as partes, enquanto os EUA possuíam 62,90%. Em relação às exportações de alta tecnologia, em 2008 a China obtinha um valor de \$390,967,000,000, e os Estados Unidos \$243,005,000,000 no total. Assim, observa-se a liderança chinesa nesse quesito, com as exportações High Tech da China representando 61,67% do total, enquanto as dos EUA representavam 38,33% do total de exportações entre os dois. Já em 2021, último ano em que foram encontrados os dados, tem-se que a China apresentava um valor de \$942,314,815.52 em exportações High Tech, enquanto os EUA tinham um valor de \$169,217,253.98. Os dados chineses demonstram uma grande alta nas exportações desse tipo feitas pela China, e que, em 2022, ela obtinha 84,77% do total das exportações dos dois países, enquanto os EUA só representavam 15,23% de todas as exportações de alta tecnologia feitas pela China.

No que se refere às exportações globais feitas pelos dois Estados, é notório que, no ano de 2008, a China exportou \$1.497.868.782.937,82, enquanto os EUA exportaram \$1.835.280.000.000,00. Com isso, tem-se que a China representava 44,94% do total das exportações globais entre os dois países, enquanto os Estados Unidos, por sua vez, representava 55,06% do total. Entretanto, em 2022 o cenário muda: a China ultrapassa os EUA no número de exportações globais, visto que a mesma passa a exportar \$3,714,245.22, enquanto os EUA, com dados de 2021, passa a exportar \$2,539,648.00 (2021). Isso representa que a China obtém 59,39% das exportações, se for comparado com as duas partes, e os EUA obtém 40,61% do total das exportações. Já sobre as importações globais, nota-se que, em 2008, a China importou \$1.149.036.249.787,73, enquanto os EUA importam \$ 2.576.151.000.000,00. Assim, a China representava 30,85% do total importado entre as duas partes, e os EUA representavam 69,15%. Isso muda um pouco no ano de 2022, com um crescimento percentual para a China, visto que a mesma passa a importar \$3,137,594.11, enquanto os EUA importam \$3,401,361.00 (2021). Houve, então, um percentual de 47,98% para a China, e de 52,02% para os Estados Unidos.

Acerca da saída de investimentos externos diretos, no ano de 2008 a China despreendeu o montante de \$56,742,000, enquanto os Estados Unidos investiram \$320,941,000 no total. Isso demonstra que, entre as duas partes, a porcentagem investida pela China foi

de 15,02%, enquanto a dos EUA foram de 84,98%. Por sua vez, no que diz respeito ao ano de 2022, observa-se um aumento dos investimentos feitos pela China, com um valor de \$109,922,000, enquanto os EUA investiram \$264,791,000. Tal aspecto mostra que a China representa 29,33% do total entre as partes, o que é um crescimento, se comparado com o ano de 2008, e os EUA obtiveram um menor valor que o de 2008, agora representando 70,67% do total. Tratando-se dos centros de viagem e da frota mercante, ressalta-se que não foram achados valores para ambos no ano de 2008, restando somente o ano de 2022 para realizar o comparativo. Com isso, em 2022 nota-se que a China obteve 53 centros de viagem, enquanto os EUA tiveram 169. Evidencia, então, que a China possui 23,87% do total entre as partes, enquanto os EUA possuem 76,13%, de maneira bem elevada, se comparado com a porcentagem chinesa. Por outro lado, no que diz respeito à frota mercante de ambos os países, tem-se que a China possui 322,972k dwt, com 96,27% do total de ambos, e os EUA possui 12,528k dwt, representando 3,73% do total das partes.

Tabela 4 – Relações Econômicas com o Brasil (2008).

Submedidas	Indicadores	T1 (2008)		Média		Fontes
		China	EUA	China (%)	EUA (%)	
Relações Comerciais	Exportações do Brasil	\$16.519.994.032	\$26.547.483.489	38,36%	61,64%	Comexstat
	Importações do Brasil	\$20.035.446.107	\$2.561.946.765	88,55%	11,34%	Comexstat
	Balança comercial	-3.515.452.075	\$23.985.536.724,00			Autor
	Parceiro comercial principal	2º lugar	1º lugar			G1 Globo, Portal da Indústria; InfoMoney
Investimento	Investimento externo no Brasil	\$ 22.000 milhões	US\$ 43.953 milhões	33,36%	66,64%	APEX Brasil; Forbes; Hiratuka; Sarti (2016)
	Principal investidor estrangeiro					Santander Trade height

Fonte: Elaborado Pelo Autor

Tabela 5 – Relações Econômicas com o Brasil (2022).

Submedidas	Indicadores	T2 (2022)		Média		Fontes
		China	EUA	China (%)	EUA (%)	
Relações Comerciais	Exportações do Brasil					
	Importações do Brasil	\$89.427.761.284	\$37.437.814.354	70,49%	29,51%	Comexstat
	Balança comercial	\$60.743.964.876	\$51.304.351.542	54,21%	45,79%	Comexstat
	Parceiro comercial principal	\$28.683.796.408,00	-13.866.537.188			Autor
Investimento	Investimento externo no Brasil	1º lugar	2º lugar			G1 Globo, Portal da Indústria; InfoMoney
	Principal investidor estrangeiro	US\$ 49,7 bilhões (2021)	US\$ 200,1 bilhões (2021)	19,90%	80,10%	APEX Brasil; Forbes; Hiratuka; Sarti (2016)
	Top 10 maiores investidores		2º lugar (perde pra Holanda)			Santander Trade height

Fonte: Elaborado Pelo Autor

A tabela das relações econômicas com o Brasil finalmente vai trazer dados quantitativos que demonstram a projeção da China e dos Estados Unidos no Brasil, e que pode ser utilizada para fazer mensurações. Dessa maneira, dentro da submedida das relações comerciais, observa-se que, no que diz respeito às exportações do Brasil para a China e os EUA, tem-se que, para a China, no ano de 2008, o Brasil exportou \$16,519,994,032, enquanto para os EUA o Brasil exportou \$26,547,483,489, o que demonstra que, do total das duas partes, a China representava 38,37% das exportações, enquanto os EUA representavam 61,64%. Apesar disso, no ano de 2022 há uma grande mudança neste cenário, visto que o Brasil passa a exportar \$89,427,761,284 para a China, e \$37,437,814,354 para

os Estados Unidos, o que demonstra que a China representa 70,49% das exportações brasileiras para os dois países, e os EUA representa 29,51%, por sua vez.

No que concerne às importações do Brasil da China e dos EUA, tem-se que, no ano de 2008, o Brasil importou \$20,035,446,107 da China, enquanto dos EUA foram \$2,561,946,765, o que representa que as importações da China foram 88,55% do total entre os dois países, e dos EUA foram 11,34%. Entretanto, em 2022 esse valor começa a se equiparar, visto que o Brasil importou \$60,743,964,876 da China, representando 54,21% do total, e \$51,304,351,542 dos EUA, representando 45,79% do total.

Acerca da balança comercial do Brasil com a China e os EUA, tem-se que, no ano de 2008, houve um déficit de \$3,515,452,075 com a China, sendo que houve um superávit de \$23,985,536,724 com os Estados Unidos. No ano de 2022, então, houve um superávit de \$23,683,796,408 com a China, sendo que houve um déficit de \$13,866,537,188 com os Estados Unidos.

Em 2008, o principal parceiro comercial do Brasil era os Estados Unidos, sendo que o segundo lugar pertencia à China. Entretanto, em 2022 esse cenário muda: a China passa a ocupar o lugar de principal parceiro comercial do Brasil, enquanto os EUA recuam para o segundo lugar. No que diz respeito ao investimento externo da China e dos EUA no Brasil, em 2008 o investimento chinês foi de \$22,000,000, e o dos EUA foi de \$43,953,000. Assim, a parcela do investimento chinês representava 33,36% dos investimentos dos dois países no Brasil, enquanto a parcela do investimento norte-americano representava 66,64% do total. Em 2021, por seu turno, a China investiu \$49,7 bilhões no Brasil, enquanto os EUA investiram \$200,1 bilhões, o que representava 19,90% para a China e 80,10% para os EUA. Acerca do ranking de investidores estrangeiros no Brasil, tem-se que ambos os países encontram-se no top 10 maiores investidores, sendo que os EUA encontra-se em segundo lugar, e não foram encontrados dados que relatam a posição chinesa a não ser expondo que a China também se encontra no top 10.

Tabela 6 – Influência Cultural (2008).

Submedidas	Indicadores	T1 (2008)		Média		Fontes	
		China	EUA	China	EUA		
	Interesse de pesquisa online sobre o país (dezembro do ano, 0-100)		25	14	64,10%	35,90%	Google trends
	Pesquisa sobre os presidentes da época - maior pico registrado (0-100)	11 (agosto)	14 (agosto)		44,00%	56,00%	Google trends
Projeção cultural	Exportações culturais totais	\$2,209,007,280,259 (2013)	\$1,577,587,252,487 (2013)	58,34%	41,66%		UNESCO
	Marcas globais (Número de marcas no Global 500)		13	180	6,74%	93,26%	Lowy Institute; Brandirectory
	Status: viagem sem visto		33	155	17,55%	82,45%	Henley & Partners
	Locais como patrimônio imaterial da UNESCO	52 (2017)	23 (2017)		69,33%	30,67%	Lowy Institute; UNESCO
	Estudantes internacionais totais	204,188 (2015)	728,262 (2017)	21,90%	78,10%		Lowy Institute
Fluxos de informação	Influência regional: pico de busca sobre notícias do país (0-100)	13 (abril)	32 (agosto)	28,89%	71,11%		Google trends
	Influência regional: pico de busca por emissoras de TV (0-100)	50 (agosto)	18 (abril)	73,53%	26,47%		Google trends
Intercâmbio de pessoas	Número de imigrantes no Brasil	19.312 (2011-2020)	5.420 (2011-2020)	78,09%	21,91%		Portal de Imigração; Ibra China
	Destino de viagem: Brasil						ABEOC; IbraChina

Fonte: Elaborado Pelo Autor

Tabela 7 – Influência Cultural (2022).

Submedidas	Indicadores	T2 (2022)		Média		Fontes	
		China	EUA	China	EUA		
	Interesse de pesquisa online sobre o país (dezembro do ano, 0-100)		19	32	37,25%	62,75%	Google trends
	Pesquisa sobre os presidentes da época - maior pico registrado (0-100)	56 (setembro)	5 (outubro)	91,80%	8,20%		Google trends
Projeção cultural	Exportações culturais totais	2 498 569 865 637 (2019)	1 644 276 220 783 (2019)	60,31%	39,69%		UNESCO
	Marcas globais (Número de marcas no Global 500)		84	198	29,79%	70,21%	Lowy Institute; Brandirectory
	Status: viagem sem visto		80	186	30,08%	69,92%	Henley & Partners
	Locais como patrimônio imaterial da UNESCO		57	25	69,51%	30,49%	Lowy Institute; UNESCO
	Estudantes internacionais totais	325,099 (2018)	778,431 (2019/20)	29,46%	70,54%		Lowy Institute
Fluxos de informação	Influência regional: pico de busca sobre notícias do país (0-100)	5 (março)	30 (junho)	14,29%	85,71%		Google trends
	Influência regional: pico de busca por emissoras de TV (0-100)	9 (agosto)	17 (novembro)	34,62%	65,38%		Google trends
Intercâmbio de pessoas	Número de imigrantes no Brasil	300 mil chineses					Portal de Imigração; Ibra China
	Destino de viagem: Brasil		8.787	441.007	1,95%	98,05%	ABECC; IbraChina

Fonte: Elaborado Pelo Autor

A dimensão acerca da influência cultural é outra em que foi possível coletar mais dados acerca da projeção da China e dos EUA no Brasil. Assim, acerca do interesse de pesquisa online do Brasil sobre os países, de 0-100, tem-se que, em 2008, o valor para a China foi de 25, enquanto para os EUA foi de 14. Então, a China representou 64,10% do valor total das partes, enquanto os EUA representou 35,90%. Em 2022, por sua vez, o valor para a China foi de 19, e para os EUA foi de 32. Assim, a média da China foi de 37,25%, e para os EUA foi de 62,75%. Há também dados sobre a pesquisa sobre os presidentes da época, relatando o maior pico registrado, de 0-100. Sobre isso, em 2008 o maior pico foi de 11 para a China e 14 para os Estados Unidos, representando 44% para os primeiros e 56% para os EUA. Em 2022, por seu turno, o pico foi de 56 para a China e de 5 para os EUA, representando 91,80% para a China e 8,20% para os EUA.

No tocante às exportações culturais totais, os primeiros dados são de 2013: \$2,209,007,280,259 feitas pela China e \$1,577,587,252,487 feitas pelos EUA. Assim, a China representava 58,34% das exportações culturais das duas partes, e 41,66% era representado pelos EUA. Já no ano de 2019 o cenário não muda tanto assim, visto que a China exporta \$2,498,569,865 e os EUA \$1,644,276,220,783, representando 60,31% para a China e 39,69% para os EUA. Nota-se que não foram encontrados dados que falam das exportações culturais somente para o Brasil, mas é notório que, desse montante, o Brasil seja receptor de uma parcela significativa, e que através desses dados possam ser feitas estimativas como, por exemplo, que a China exporta mais produtos culturais que os EUA e que isso também reflete no Brasil. Sobre as marcas globais, entre 500 marcas principais, em 2008 a China obtinha 13 marcas, e os EUA 180, representando 6,74% para a China e 93,26% para os EUA. Em 2022 o cenário muda um pouco para a China, visto que ela passa a ter 84 marcas globais, representando 29,79%, e os EUA passam a ter 198 marcas globais, representando 70,21%. Acerca das viagens sem visto, a China possuía um número de 33 no total em 2008, e os EUA 155. Desse modo, a China representava 17,55% e os EUA 82,45% do total das duas partes. Por seu turno, em 2017 a China tinha 52 locais como patrimônio imaterial da UNESCO, e os EUA 23, o que representava 69,33% para a

China e 30,67% para os EUA. Já em 2022, tem-se que o cenário não muda tanto assim, com a China tendo 57 patrimônios e os EUA 25, representando 69,51% para a China e 30,49% para os EUA.

No que diz respeito aos estudantes internacionais totais da China e dos EUA, em 2015 a China possuía 204,188, e os EUA em 2017 possuíam 728,262, o que representava 21,90% para a China e 78,10% para os EUA. Por sua vez, em 2018 a China possuía 325,099 estudantes internacionais, e os EUA em 2019-20 possuía 778,431, o que representava 29,46% para a China e 70,54% para os EUA. No tocante da influência regional no Brasil, sendo analisada através do pico de busca sobre notícias sobre a China ou EUA, de 0-100, tem-se que, em 2008, o pico para a China foi de 13, sendo que para os EUA foi de 32. Assim, a China representou 28,89% e os EUA 71,11%. Já em 2022, o pico para a China foi de 5, enquanto para os EUA foi de 30. Assim, a China representou 14,29% e os EUA 85,71% das buscas no Brasil de notícias online sobre os respectivos países. O outro ponto de influência regional no Brasil diz respeito ao pico de busca por emissoras de TV da China e dos EUA, de 0-100. Então, o pico em 2008 para a China foi de 50, enquanto para os EUA foi de 18. Isso representou 73,53% para a China e 26,47% para os EUA. Já em 2022, o pico para a China foi de 9, contra o pico de 17 para os EUA. Assim, o pico de busca por emissoras de TV chinesas representou 34,62% e o pico de busca por emissoras de TV norte-americanas representou 64,38%.

No que refere-se ao número de imigrantes no Brasil, de 2011-2020 haviam 19,312 chineses no país, e 5,420 norte-americanos. Isso representava, em um comparativo entre as duas partes, 78,09% para a China e 21,91% para os EUA. No que se refere ao ano de 2022, tem-se que não foi possível obter dados concretos acerca de quantos norte-americanos imigrantes haviam no Brasil. Apesar disso, foi possível coletar que haveriam cerca de 300 mil chineses no Brasil. No que diz respeito ao destino de viagem ser o Brasil, em 2008 também não foi possível achar dados. Entretanto, tem-se que, em 2022, o Brasil recebeu 8,787 chineses e 441,007 norte-americanos. Isso quer dizer que a China representa 1,95% dos viajantes e os EUA 98,05%.

Tabela 8 – Influência Diplomática (2008).

Submetidas	Indicadores	T1 (2008)		Média		Fontes
		China	EUA	China	EUA	
Rede diplomática	Embaixadas e consulados no Brasil					Google; China Embassy; US Embassy
	Embaixadas e consulados geral					Lowy Institute
	Liderança política (Eficácia dos líderes políticos na promoção global dos interesses diplomáticos dos seus países, 0100)	100 (2017)	32 (2017)	75,76%	24,24%	Lowy Institute
	Ambição estratégica					Lowy Institute
Política externa	Serviço diplomático (Eficácia do serviço diplomático do país e da burocracia mais ampla da política externa, média móvel de dois anos, 0100 (2021-22))					Lowy Institute
	Doações de vacinas					Lowy Institute
	Doações de vacinas pro Brasil					Governo Federal; US Embassy; Agência Brasil
	Poder de convocação (Número de visitas ao país do Índice por líderes ou ministros das Relações Exteriores)	1 - Lula em Pequim	1 - Lula em Nova Iorque	50,00%	50,00%	China Embassy; Agência Brasil; US Embassy; G1 Globo

Fonte: Elaborado Pelo Autor

Tabela 9 – Influência Diplomática (2022).

Submedidas	Indicadores	T2 (2022)		Média		
		China	EUA	China	EUA	
Rede diplomática	Embaixadas e consulados no Brasil	5 (RJ, SP, DF, PE e PE)	6 (DF, RS, PE, RJ, SP, MG)	45,45%	54,55%	
	Embaixadas e consulados geral	179 (2021)	178 (2021)	50,24%	49,86%	
Política externa	Liderança política (Eficácia dos líderes políticos na promoção global dos interesses diplomáticos dos seus países, 0100)		69	100	40,83%	59,17%
	Ambição estratégica	100 (2021-22)	85 (2021-22)	54,05%	45,95%	
	Serviço diplomático (Eficácia do serviço diplomático do país e da burocracia mais ampla da política externa, média móvel de dois anos, 0100 (2021-22))	59 (2021-22)	85 (2021-22)	40,97%	59,03%	
	Doações de vacinas	47,655,000	113,355,210	29,60%	70,40%	
	Doações de vacinas pro Brasil	Sem dados	7.287.300 (2021-22)		100,00%	
	Poder de convocação (Número de visitas ao país do Índice por líderes ou ministros das Relações Exteriores)	1 - Bolsonaro 2019 na China	2- Bolsonaro nos EUA		33,33%	66,67%

Fonte: Elaborado Pelo Autor

No que está relacionado aos indicadores da influência diplomática, foi possível extrair alguns dados relacionados à influência diplomática da China e dos EUA no Brasil, sendo que alguns são dados gerais desses dois países. Com dados de 2022, é possível

levantar que, em 2022, existiam 5 embaixadas e consulados chineses no Brasil, enquanto existem 6 embaixadas e consulados norte-americanos no Brasil. Isso quer dizer que, entre os dois países, a China representa 45,45% das embaixadas, e os EUA 54,55%. Acerca do total de embaixadas e consulados no mundo, em 2021 a China possuía 179 no total, enquanto os EUA possuíam 178, o que representava 50,24% para a China e 49,86% para os EUA.

Acerca da liderança política e do aspecto da eficácia dos líderes políticos na promoção global dos interesses diplomáticos dos seus países, sendo listado de 0-100, o portal Lowy Institute ressalta que, em 2017 a China possuía 100, e os EUA 32. Assim, a China representava 75,76% da eficácia dos líderes políticos e os EUA 24,24. Já em 2022, por sua vez, o cenário muda: a China obtém 69 e os EUA 100, o que representa 40,83% para a China e 59,17% para os EUA.

Outro indicador é o da ambição estratégica, sendo que somente foram encontrados dados para 2021-22. Assim, a China recebe 100, e os EUA 85, o que representa 54,05% para os chineses e 45,95% para os norte-americanos. Ademais, o indicador do serviço diplomático mensura a eficácia do serviço diplomático do país e da burocracia mais ampla da política externa, com uma média móvel de dois anos e contabilizando de 2021-22. Assim, a China obtém 59, e os EUA 85. Com isso, a China representa 40,97% e os EUA 59,03%.

Há também o indicador de doações de vacinas, devido à pandemia da Covid-19. Assim, os dados são de 2022, sendo que a China doou 47,655,000 vacinas e os EUA 111,355,210 vacinas, o que representa 29,60% para a China e 70,40% para os EUA. No que se refere às doações de vacinas para o Brasil, tem-se que não foram encontrados dados que indicam as doações realizadas pela China ao Brasil. Entretanto, por outro lado, os dados indicam que os EUA doaram 7,287,300 vacinas para o Brasil entre 2021 e 2022.

Ademais, acerca do poder de convocação, ou seja, do número de visitas à China e EUA pelos presidentes brasileiros em seus mandatos entre 2008 e 2022, tem-se que, em 2008, o então presidente brasileiro da época, Luis Inácio Lula da Silva, visitou uma vez a China e uma vez os EUA, o que representa 50% para cada país. Por sua vez, em 2022 o então presidente Jair Messias Bolsonaro não foi à China, mas realizou uma visita em 2019 ao país. Já em relação aos EUA, Bolsonaro realizou duas visitas oficiais, o que representa 33,33% para a China e 66,67% para os EUA.

Tabela 10 – Capacidade Militar 2008.

Submedidas	Indicadores	T1 (2008)		Média		Fontes
		China	EUA	China (%)	EUA (%)	
Gastos com defesa	Despesas militares	\$ 215 Bn (2015)	\$ 641 Bn (2015)	25,12%	74,88%	Lowy Institute
	Venda de armamentos	6,3% (2013-17)	33% (2013-17)			Poder 360
Forças armadas	Forças militares e paramilitares	2,843,000 (2017)	1,347,300 (2017)	67,85%	32,15%	Lowy Institute

Fonte: Elaborado Pelo Autor

Tabela 11 – Capacidade Militar 2022.

Submedidas	Indicadores	T2 (2022)		Média		Fontes
		China	EUA	China (%)	EUA (%)	
Gastos com defesa	Despesas militares	\$ 322 Bn	\$ 854 Bn	27,38%		Lowy Institute
	Venda de armamentos	5,2% (2018-22)	40% (2018-22)	72,62%		Poder 360
Forças armadas	Forças militares e paramilitares	2,535,000	1,395,350	64,50%	35,50%	Lowy Institute

Fonte: Elaborado Pelo Autor

No que concerne aos dados acerca da capacidade militar, tem-se que eles serão sobre a China e os Estados Unidos, visto que não foram encontrados dados bilaterais entre esses países e o Brasil. Assim, os indicadores de despesas militares demonstram que, em 2015, a China gastou \$215 bilhões, enquanto os EUA gastaram \$641 bilhões em defesa, representando 25,12% para a China e 74,88% para os EUA. Por sua vez, em 2022, a China gastou \$322 bilhões em defesa, enquanto os EUA gastaram \$854, o que representa 27,38% para a China e 72,62% para os EUA.

No tocante à venda de armamentos, no comércio global de armas a China representou 6,3% entre 2013-17 e os EUA 33% entre 2013-17. Por sua vez, entre 2018-22, a China representou 5,2% e os EUA 40%. Acerca das forças militares e paramilitares da China e EUA, tem-se que, em 2017, a China tinha um contingente de 2,843,000, e os EUA 1,347,300. Por outro lado, em 2022 houve uma redução do contingente chinês, uma vez que seu contingente era de 2,535,000 e o dos EUA era de 1,395,350 no total, o que representava 64,50% para a China e 35,50% para os EUA.

Tabela 12 – Capacidade Total.

Submedidas	RELAÇÕES COM O BRASIL Indicadores	T1 (2008)		Média		T2 (2022)		Média	
		China	EUA	China	EUA	China	EUA	China	EUA
Relações comerciais	Exportações do Brasil	\$16.519.994.032	\$26.547.483.489	38,36%	61,64%	\$89.427.761.284	\$37.437.814.354	70,49%	29,51%
	Importações do Brasil	\$20.035.446.107	\$2.561.946.765	88,55%		\$60.743.964.876	\$51.304.351.542	54,21%	45,79%
	Balança comercial	-3.515.452.075	\$23.985.536.724,00			\$28.683.796.408,00	-13.866.537.188		
	Parceiro comercial principal	2º lugar	1º lugar			1º lugar	2º lugar		
Investimento	Investimento externo no Brasil	\$ 22.000 milhões	US\$ 43.953 milhões	33,36%	66,64%	US\$ 49,7 bilhões (2021)	US\$ 200,1 bilhões (2021)	19,90%	80,10%
	Principal investidor estrangeiro			Top 10 maiores investidores		2º lugar (perde pra Holanda)			
Projeção cultural	Interesse de pesquisa online sobre o país (dezembro do ano, 0-100)	25	14	64,10%	35,90%	19	32	37,25%	62,75%
	Pesquisa sobre os presidentes da época - maior pico registrado (0-100)	11 (agosto)	14 (agosto)	44,00%	56,00%	56 (setembro)	5 (outubro)	91,80%	8,20%
Intercâmbio de pessoas	Número de imigrantes no Brasil	19.312 (2011-2020)	5.420 (2011-2020)	78,09%	21,91%	300 mil chineses			
	Destino de viagem: Brasil					8.787	441.007	1,95%	98,05%
Rede diplomática	Embaixadas e consulados no Brasil					5 (RJ, SP, DF, PE e PE)	6 (DF, RS, PE, RJ, SP, MG)	45,45%	54,55%
Política externa	Doações de vacinas pro Brasil					Sem dados	7.287.300 (2021-22)		100,00%
	Poder de convocação (Número de visitas ao país do Índice por líderes ou ministros das Relações Exteriores)	1 - Lula em Pequim	1 - Lula em Nova Iorque	50,00%	50,00%	1 - Bolsonaro 2019 na China	2 - Bolsonaro nos EUA	33,33%	66,67%

Fonte: Elaborado Pelo Autor

Com isso, a partir da tabela é possível observar que nela foram selecionados somente os dados que dizem respeito às relações entre a China e os Estados Unidos com

o Brasil. Disso, podemos extrair que, das dimensões em que foi possível extrair dados, a dimensão das relações econômicas da China e Estados Unidos com o Brasil é aquela mais completa. Nela podemos constatar que, no que se refere às exportações e importações, bem como à balança comercial entre as partes, a China estava atrás dos Estados Unidos como mercado consumidor das exportações brasileiras no ano de 2008. Por sua vez, o cenário foi diferente nas importações brasileiras, visto que o Brasil mais importou da China que dos EUA (88,55% para os primeiros e 11,34% para os segundos). Apesar disso, a balança comercial entre Brasil e China em 2008 obteve um déficit de \$3,515,452,075, visto que o Brasil mais importou do que exportou para o país asiático. Já a balança comercial com os Estados Unidos obteve um saldo de \$23,985,536,724,00, em 2008, o que representa um saldo positivo para o Brasil, que mais exportou do que importou do mercado norte-americano. Entretanto, o cenário muda significativamente em 2022: a China passa a importar ainda mais do Brasil, se comparado com 2008, o que representou 70,49% da média relativa entre as exportações do Brasil para a China e EUA. Por seu turno, houve uma queda nas exportações do Brasil para os EUA, com essa passando a representar 29,51% da média relativa entre as partes. Já nas importações brasileiras da China e dos EUA esse cenário passa a se igualar: a China foi o destino de 54,21% das importações brasileiras totais entre as partes, enquanto os EUA 45,79%. Dessa maneira, esse panorama refletiu-se na classificação de principais parceiros comerciais do Brasil. Em 2008, os EUA ainda eram o principal parceiro comercial do Brasil, com a China configurando-se em segundo lugar. Já em 2022 a China já ultrapassou os EUA e toma o primeiro lugar, deixando os EUA atrás.

Outrossim, acerca do investimento externo da China e dos EUA no Brasil, como já foi exposto anteriormente, é possível destacar que tanto no ano de 2008 quanto no ano de 2022 os Estados Unidos, se comparado com a China, foi o que mais investiu no Brasil, de acordo com os dados coletados. Em 2008 o investimento norte-americano representou 66,64% e o da China 33,36% entre as partes, enquanto que no ano de 2022 os investimentos chineses representaram 19,90% e dos EUA 80,10%. Assim, no ranking de principais investidores estrangeiros do Brasil, os EUA estavam em 2º lugar em 2022, enquanto a China se concentrava no ranking de top 10 maiores investidores.

A dimensão da influência cultural também foi uma em que foi possível extrair uma boa quantidade de dados para a análise. Assim, no que concerne à projeção cultural, tem-se dados advindos de pesquisas realizadas de maneira online no Brasil sobre determinados temas da China e EUA. Com isso, as buscas online sobre China e Estados Unidos feitas no Brasil no ano de 2008 demonstram que 64,10% eram sobre a China, enquanto 35,90% eram sobre os EUA. Já em 2022 esse cenário muda, quase que se inverte, com a China representando 37,25% das buscas e os EUA 62,75%. Também foi possível levantar dados sobre pesquisas feitas sobre os presidentes chineses e norte-americanos da época, com o maior pico registrado de buscas, o que representou 44% do total das partes para a

China e 56% para os EUA em 2008. Em 2022 isso muda drasticamente, visto que o pico para a China foi de 56 em setembro, em contrapartida o dos EUA foram de 5 em outubro. Desse modo, a China representou 91,80% do total das partes e os EUA somente 8,20%.

Outros dados de projeção cultural são o de influência regional. Em primeiro plano, tem-se o pico de busca sobre notícias do país, sendo que, em 2008, a China representou 28,89% da média relativa entre China e EUA, enquanto os EUA representaram 71,11%. Já em 2022 esse plano praticamente mantém-se o mesmo, já que a China possui 14,29% das buscas e os EUA 85,71%. Já sobre o pico de buscas por emissoras de TV chinesas e norte-americanas, tem-se que em 2008 73,53% foram da China, enquanto os EUA obtiveram 26,47%. Por sua vez, em 2022, o cenário muda, já que os EUA ultrapassam a China, tendo 65,38% das pesquisas e a China 34,62%.

O intercâmbio de pessoas também é uma submedida que faz parte da influência cultural. Acerca disso, tem-se que, de 2011-2020, foram registrados 19.312 imigrantes chineses no Brasil, e 5.420 imigrantes norte-americanos no Brasil, o que representa 78,09% para a China e 21,91% para os EUA. Em 2022, só foram encontrados os dados totais acerca de imigrantes chineses no Brasil, que seriam cerca de 300 mil chineses no total. Por outro lado, no que refere-se à ter o Brasil como destino de viagem, somente foi possível encontrar dados relativos ao ano de 2022, onde 8.787 chineses vieram para o Brasil, com os norte-americanos representando uma quantia de 441.007. Assim, desse montante, 1,95% eram chineses e 98,05% dos turistas eram americanos, se colocado em comparação os números de China e EUA.

Outra dimensão em que foi possível obter dados foi o da influência diplomática. Dessa maneira, no tocante ao número de embaixadas e consulados no Brasil, em 2022 havia cinco embaixadas e consulados chineses no país, em contraposição ao número de seis embaixadas e consulados norte-americanos no Brasil. Isso corresponde à 45,45% para a China e 54,55% para os EUA. Um dado importante, visto a pandemia da Covid-19, é o número de doações de vacinas para o Brasil durante esse período. Assim, nota-se que não foi possível levantar dados que enumerem doações chinesas para o país. Apesar disso, tem-se que os EUA doaram cerca de 7.287.300 vacinas entre 2021-2022 para o Brasil. Por fim, o indicador final é o de número de visitas à China e aos EUA, feitas pelo presidente brasileiro da época. Desse modo, em 2008 foram feitas uma visita à China e uma aos EUA, o que representou 50% para cada. Já em 2022 não foi feita nenhuma visita à China, mas foi considerado o ano de 2019, em que o então presidente Bolsonaro realizou uma visita ao país asiático. Em contraposição, em 2022 foram feitas duas visitas de Bolsonaro aos EUA, o que representou 66,67% para os EUA e 33,33% para a China.

4.1 EXTRA: AS RELAÇÕES MILITARES COM O BRASIL

Como não foi possível obter dados totais referentes aos indicadores de capacidades militares entre as partes, será feita uma mera menção de alguns dados que dizem respeito a essas capacidades. No que diz respeito às vendas globais de armas, tem-se que, de acordo com dados do Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo, os Estados Unidos se configura como o país líder nesse quesito (Poder 360). Isso porque o SIPRI (Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo) divulgou neste presente ano o levantamento¹ que se refere ao quinquênio 2018-2022, e, de acordo com esses dados, é possível observar uma predominância nos últimos 5 anos do domínio dos Estados Unidos neste quesito. Ademais, de acordo com a pesquisa, as exportações de armamentos feitas pelos Estados Unidos em 2018-2022 se configuraram em 40% do total global, o que representa uma grande parcela e mudança para o levantamento anterior, visto que houve um crescimento de 14% entre 2013-2017 e 2018-2022, e, dessa maneira, o país lidera o ranking de maiores exportadores mundiais. Por sua vez, a participação chinesa na exportação de armamentos é significativamente menor do que a norte-americana, visto que os chineses representam 5,2% das exportações totais, mas ainda fazem parte dos dez maiores exportadores mundiais, apesar disso. Entretanto, é preciso pontuar que houve uma queda de 23% referente às exportações de armamentos chineses entre 2013-2017 e 2018-2022.

Acerca do destino desses armamentos, tem-se que a grande parte dos armamentos chineses (80%) são destinados à Ásia e à Oceania, com uma parcela muito pequena sendo destinada à outras regiões, sendo que, referente à América e mais especificamente ao Brasil, não são apresentados dados - mais infere-se que seja um número muito baixo. Já sobre o destino dos armamentos norte-americanos o cenário não é muito diferente, visto que também não são apresentados dados das exportações de armas dos EUA para a região das Américas - e Brasil. Entretanto, apesar disso, o levantamento do SIPRI aborda que as Américas representam 5,8% das importações globais de armas, sendo que o Brasil, por sua vez, apresentou, de 2013-2017 cerca de 0,6% da porcentagem do total de armas importadas, enquanto que, de 2018-2022 esse número foi de 0,9%. Isso demonstra que os números de importações brasileiras de armamentos são muito baixos, não chegando nem a representar 1% do total, e que, apesar de ser possível observar um aumento na porcentagem entre 2013-2017 para 2018-2022, ela ainda permanece com um patamar relativamente baixo. Isso pode ser vinculado com a tradição pacifista que o Brasil possui no cenário internacional, com pouco envolvimento em guerras e em cenários conflituosos. Assim, quanto a compra e venda de armamentos entre Brasil e China, bem como a de Brasil e Estados Unidos, podemos pontuar que há pouco a ser oferecido neste quesito,

¹Ver documento Trends in international arms transfers, 2022, disponível em <https://static.poder360.com.br/2023/03/Levantamento-comercio-armas-Estocolmo.pdf>

uma vez que o Brasil só representa 0,9% do total global de compra de armamentos, e também que não é estabelecido da onde o mesmo importa tais bens. Entretanto, como os Estados Unidos se configura como o maior exportador de armas, pode-se inferir que o Brasil poderia estar comprando do mercado norte-americano, justamente pelo mesmo ser o maior de todos. Apesar disso, isso fica sendo um cenário inconclusivo, visto que não é possível verificá-lo 100%.

Outro indicador importante das capacidades militares seria os de exercícios militares conjuntos. Acerca disso, só foi possível encontrar dados referentes à China e o Brasil sobre o total de exercícios militares, naval port calls e encontros de alto escalão entre os anos de 2003-2016. Isso pode ser observado a partir da tabela abaixo.

Tabela 13 – Exercícios militares China-Brasil 2003-2016.

2003-2016	Exercícios militares	Naval Port Calls	Encontros de alto escalão	Total
Brasil	3	3	29	35

Fonte: Allen, Chen e Saunders (2017).

Já sobre os Estados Unidos e os encontros militares com o Brasil, alguns pontos podem ser mencionados. Em primeiro plano, tem-se que o mesmo realiza diversos treinamentos militares com o Brasil. De acordo com o portal da Força Aérea Brasileira, no próprio ano de 2022, no mês de agosto, ocorreu um exercício militar que integrou militares da Marinha e Exército brasileiro, bem como militares da Força Aérea dos Estados Unidos. Ele ocorreu durante aproximadamente 20 dias, e reuniu mais de 800 militares, sendo 100 norte-americanos, na Base Aérea de Campo Grande (BACG), localizada no estado do Mato Grosso do Sul (MS). Pode-se citar algumas operações realizadas, tais como Ataque, NVG (Óculos de Visão Noturna), Reconhecimento Aeroespacial, Infiltração Aérea, Busca e Salvamento em Combate, Reabastecimento em Voo, Apoio Aéreo Aproximado, Lançamento de Paraquedistas e Cargas (FORÇA AÉREA BRASILEIRA, 2022). O EXCON Tápio é um evento que ocorre desde do ano de 2018, sendo que durante dois anos houve participação de militares da Força Aérea dos Estados Unidos (USAF) no treinamento. Em 2022, o USAF foi representado pela Guarda Nacional Americana advinda da cidade de Nova York, bem como de Idaho (NYANG e IDANG). Desde o ano de 2019, registra-se que houve mais de 50 operações conjuntas entre a USAF e o Brasil.

Outrossim, outro fator importante que pode ser mencionado sobre as relações militares entre Brasil e Estados Unidos é a Base Aérea de Natal, que no ano passado completou 80 anos. Tal base foi fundada no ano de 1942, e, durante a Segunda Guerra Mundial, foi utilizada pelos Estados Unidos na guerra contra os países do Eixo. Durante esse período, é notório que a base aérea tornou-se a maior base aérea americana existente fora dos Estados Unidos (G1 Globo, 2022). Apesar de não estar dentro do recorte temporal do presente trabalho, é importante mencionar tal base, que demonstra que o Brasil chegou a ceder território para o aparato militar norte-americano e os fortes laços existentes entre as

duas partes.

5 CONCLUSÃO

Através da análise feita neste trabalho, foi possível compreender que a ascensão chinesa e declínio relativo do poderio norte-americano tiveram impactos significativos para o Brasil, que encontra-se na semiperiferia. A ascensão chinesa, com sua expansão material e posição como grande potência, em contrapartida da expansão financeira norte-americana e seu declínio relativo, geraram impactos sistêmicos que foram sentidos pelo Brasil, já que, por um lado, este conseguiu beneficiar-se da grande demanda chinesa por produtos primários e de commodities, bem como da diversificação e intensificação das relações comerciais entre essas partes. A China tornou-se um grande parceiro comercial para o Brasil de 2008 a 2022, o que representou em ganhos significativos para os mesmos, visto que a balança comercial brasileira passa a ter um superávit comercial neste período, que antes, em 2008, era de um déficit comercial. Entretanto, neste período o Brasil enfrentou dificuldades em conseguir fazer com que sua competitividade industrial se mantivesse controlada, bem como enfrentou dificuldades em lidar com a volatilidade dos mercados financeiros.

A partir do levantamento que foi realizado, é possível fazer algumas observações. Em primeiro lugar, é importante esclarecer que houve uma grande lacuna na busca dos dados, já que muitos deles não foram encontrados, o que faz com que a análise tenha dificuldades. Exemplo disso foi a dificuldade de encontrar dados para ambas as partes acerca das capacidades militares, que tratariam de aspectos militares entre a China e o Brasil e os Estados Unidos e o Brasil, sem a possibilidade de abordar acerca do poder duro entre essas partes, portanto. O que resultou com que, no aspecto militar, fosse apenas abordados alguns dados soltos. Assim, então, no geral não foi possível tratar do hard power relacionado ao Brasil, somente entre China e Estados Unidos. Entretanto, foi possível levantar dados trilaterais no que diz respeito aos critérios das relações econômicas, da influência cultural e da influência diplomática, sendo que o primeiro relaciona-se com o poder de pagamentos ou de atração econômica e os outros dois com o poder de consenso e/ou poder brando. Desse modo, acerca dos três pilares do poder hegemônico que entram em disputa entre uma hegemonia em declínio, neste caso os Estados Unidos, e entre potências em ascensão, neste caso a China, que seriam a centralidade econômica, a superioridade militar e a liderança por consenso, podemos interligar que, neste trabalho, há uma lacuna acerca da superioridade militar, visto que só foram encontrados dados gerais sobre as grandes potências, o que gera um déficit para o caso do Brasil e os impactos para o mesmo. Para Nye (2015) seria necessário levar em consideração todas as três dimensões existentes do poder, que seriam os aspectos econômicos, militares e de poder suave (brando) (NYE, 2015, p. 12) mas, entretanto, neste trabalho, como já mencionado, os aspectos militares entre China, EUA e Brasil não foram trabalhados por falta de dados.

Acerca disso, é possível inferir algumas observações sobre os dados levantados. Primeiramente, sobre as relações econômicas com o Brasil, em 2008 os Estados Unidos estava na frente dos chineses, visto que, dos 5 indicadores com dados desta dimensão, 4 eram de domínio norte-americano, e somente 1 da China. Entretanto, tal cenário econômico altera-se em 2022, já que os EUA só representava 2 dos 6 indicadores existentes, enquanto a China representava 4 dos 6 indicadores, ultrapassando os Estados Unidos na influência econômica com o Brasil.

Já sobre as relações de influência cultural com o Brasil, tem-se que, dos 6 indicadores existentes, foi possível obter dados para 5 deles em 2008, e, dessa maneira, os Estados Unidos dominavam 2 dos 5 indicadores, em contraposição que a China já dominava 3 deles. Em 2022, o cenário muda a favor dos EUA: dos 6 indicadores, 4 eram dominados pelos EUA, e somente 2 pela China. Assim, no aspecto de influência cultural sobre o Brasil, os Estados Unidos ainda conseguem exercer uma função de liderança acerca do mesmo. Isso sugere uma grande resiliência no que diz respeito à influência cultural norte-americana no Brasil, mesmo que haja mudanças em outras esferas. Por fim, a outra dimensão em que foi possível levantar dados foi a da influência diplomática no Brasil. Em 2008 só foi possível obter dados acerca do número de visitas à China ou EUA pelo presidente brasileiro da época, Luis Inácio Lula da Silva. Dessa maneira, há um empate entre China e EUA, há uma paridade em 2008, visto que foram realizadas uma visita somente para cada um desses países, o que deixa uma média de 50% para cada. Já sobre o ano de 2022, foi possível levantar 3 indicadores, sendo que, desses 3, os Estados Unidos configuram-se na frente de todos eles, ou seja, os EUA assumem uma posição proeminente, visto que destacam-se em todos os três indicadores considerados.

Dessa maneira, a partir do que foi constatado, observa-se que, apesar da China emergir como uma grande potência, bem como uma grande parceira comercial do Brasil, a mesma apenas apresenta domínio em aspectos econômicos com o Brasil. Existe, ao analisar as três dimensões de indicadores, uma dinâmica complexa e que está em transformação constante entre a China, Estados Unidos e Brasil. Acerca do cenário de transição, apesar da China não estar ultrapassando os Estados Unidos em praticamente todos os indicadores, o paronama geral indica um aspecto de transição, visto que na projeção econômica a China começou a ter superioridade. Então, indica-se uma transição que está ocorrendo de maneira lenta, de maneira gradual, mas que é factível, com um aspecto transitório e não de ruptura total. Assim, os EUA continuam na frente nas dimensões das relações de influência cultural, bem como da influência diplomática. À vista disso, a China é aquela que possui preponderância no poder de pagamentos (atração econômica), através de seu domínio na dimensão das relações econômicas. Isso pode ser relacionado com a presente fase de expansão material chinesa, que pode ser levada em consideração para explicar tal aspecto.

Por sua vez, os EUA possui preponderância em duas outras dimensões, que seriam

a da influência cultural e da influência diplomática, estes que relacionam-se com o poder de consenso e/ou poder brando, poder suave. Assim, apesar de haver um declínio sistêmico norte-americano, os EUA ainda conseguem exercer uma posição de grande influência no Brasil em aspectos mais culturais e políticos, enquanto a China exerce uma primazia econômica. Para que a China exerça uma posição de hegemonia no Brasil, é preciso que a mesma consiga liderar as três bases do poder de Nye (2015), que seriam a base econômica, militar e de poder suave, sendo que, no presente momento, a mesma apenas lidera na base econômica. Por tanto, cabe aos analistas de Relações Internacionais continuar a acompanhar tal processo, visto que o mesmo pode alterar-se ainda mais com o passar dos anos, com a possibilidade da China conseguir sustentar-se nas três bases de poder.

REFERÊNCIAS

ABEOC Brasil. **Brasil registra aumento de mais de 50% no número de turistas americanos em 2023**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://abeoc.org.br/2023/06/brasil-registra-aumento-de-mais-de-50-no-numero-de-turistas-americanos-em-2023/>>.

Agência Brasil. **Bolsonaro se encontra com presidente chinês para assinatura de acordos**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-10/bolsonaro-se-encontra-com-presidente-chines-para-assinatura-de-acordos>>.

_____. **Covid-19: vacina doada pelos Estados Unidos chega ao Brasil**. Acesso em 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/covid-19-vacina-doadada-pelos-eua-chega-ao-brasil>>.

AL., L. A. et. As relações bilaterais brasil-china: a ascensão da china no sistema mundial e os desafios para o brasil. 2011.

AL., M. J. B. N. et. **O crescimento econômico e a competitividade chinesa. 2008**. 2008.

ALLEN, K. W.; CHEN, J.; SAUNDERS, P. C. **Chinese Military Diplomacy, 2003-2016: Trends and Implications**. Washington, DC: National Defense University Press, 2017.

ALMEIDA, J. R. M. de. Hegemonia estadunidense: ascensão ou declínio? **Lutas Sociais**, n. 24, p. 78–86, 2010.

ARRIGHI, G. **O longo século XX: dinheiro e poder e as origens de nosso tempo**. [S.l.]: Editora Unesp, 1996.

ARRIGHI, G.; SILVER, B. J. **Caos e governabilidade no moderno sistema mundial**. [S.l.]: Contraponto/Editora UFRJ, 2001.

BRASILEIRA, F. A. **Maior treinamento de guerra promovido pela FAB encerra em Campo Grande (MS)**. 2022. Acesso em: 27 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/39687/EXCON%20T%C3%A1PIO%202022%20-%20Maior%20treinamento%20de%20guerra%20promovido%20pela%20FAB%20encerra%20em%20>>

CHASE-DUNN, C.; KWON, R. Continuidades e transformações na evolução dos sistemas-mundo. In: VIEIRA, P.; VIEIRA, R.; AMIN, F. (Ed.). **O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo**. São Paulo, SP: Filomeno, 2012. p. 95–128.

CINTRA, M. A.; PINTO, E. C. China em transformação: transição e estratégias de desenvolvimento. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 37, p. 381–400, 2017.

CORRÊA, G. T. R. **Da crise dos subprimes à pandemia de Covid-19: China e Estados Unidos nas novas dinâmicas globais de poder**. 2023. Dissertação (Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais)) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2023.

COX, R. Gramsci, hegemonia e relações internacionais: um ensaio sobre o método. In: GILL, S. (Ed.). **Gramsci, materialismo histórico e relações internacionais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 101–123.

EMBAIXADA da República Popular da China na República Federativa do Brasil. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <http://br.china-embassy.gov.cn/por/zbgx-/200808/t20080807_4348893.html>.

EMBAIXADA da República Popular da China no Brasil. Acesso em 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<http://br.china-embassy.gov.cn/por/lqfw/>>.

EMBAIXADA e Consulados dos EUA no Brasil. Acesso em 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://br.usembassy.gov/pt/embassy-consulates-pt/>>.

EUA fazem doação de mais de 2 milhões de doses de vacinas AstraZeneca contra Covid-19 para o Brasil. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://br.usembassy.gov/pt/eua-fazem-doacao-de-mais-de-2-milhoes-de-doses-de-vacinas-astrazeneca-contra-covid-19-para-o-brasil/>>.

Forbes. **Holanda investe US\$229 bilhões no Brasil, acima dos Estados Unidos**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2023/08/holanda-investe-us-227-bilhoes-no-brasil-acima-dos-estados-unidos/>>.

G1 Globo. **Bolsonaro fez três viagens aos EUA no período de investigação sobre suspeita de fraude em carteira de vacinação**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/03/bolsonaro-fez-tres-viagens-aos-eua-no-periodo-de-investigacao-sobre-suspeita-de-fraude-em-carteira-de-vacinacao.ghtml>>.

_____. **China avança e se torna segundo maior parceiro comercial do Brasil**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios-0,,MUL992108-9356,00-CHINA+AVANCA+E+SE+TORNA+SEGUNDO+MAIOR+PARCEIRO+COMERCIAL+DO+BRASIL.ghtml>.

GOOGLE Trends. Acesso em 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<http://www.google.com.br/trends/>>.

Governo Federal. **Estados Unidos doam 3 milhões de doses de vacinas covid-19 ao Brasil**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2021/06/estados-unidos-doam-3-milhoes-de-doses-de-vacinas-covid-19-ao-brasil>>.

HENDLER, B. **Ônus e bônus da Guerra ao Terror: Custos para os EUA e ganhos relativos da China em tempos de mudança no sistema-mundo moderno**. 2012. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, 2012.

HENDLER, B. Crise de hegemonia e rivalidade eua-china. In: MUSSE, R. (Ed.). **China Contemporânea: Seis Interpretações**. [S.l.]: Autêntica, 2021. p. 95–128.

Henley & Partners. **The Henley Passport index**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.henleyglobal.com/passport-index/ranking>>.

IBGE PAÍSES. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://pais.es.ibge.gov.br/>>.

IbraChina. **Brasil quer aumentar o número de turistas chineses que visitam o país**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.ibrachina.com.br/brasil-quer-aumentar-o-numero-de-turistas-chineses-que-visitam-o-pais/>>.

_____. **No Dia do Imigrante, saiba mais sobre como os chineses ajudaram a construir o Brasil**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.ibrachina.com.br/no-dia-do-imigrante-saiba-mais-sobre-como-os-chineses-ajudaram-a-construir-o-brasil/>>.

INFOMONEY. **China dá superávit de US\$23,3 bilhões na balança comercial brasileira, mas ajuda a perder flego**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/mercados/china-da-superavit-de-us-233-bilhoes-a-balanca-comercial-brasileira-mas-ajuda-perder-flego/>>.

JR., J. S. N. Is the american century over? **Political Science Quarterly**, v. 130, n. 3, p. 393–400, 2015.

LISTA de viagens presidenciais de Luiz Inácio Lula da Silva. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_viagens_presidenciais_de_Luiz_In%C3%A1cio_Lula_da_Silva>.

MAP - Lowy Institute Asia Power Index. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://power.lowyinstitute.org/>>.

MAPA bilateral de investimentos Brasil/EUA. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.apexbrasil.com.br/Content/imagens/63584274-cdfb-42b7-9df2-2f3ece20aa9f.pdf>>.

MARTINS, C. E. As teorias do sistema-mundo na transição para o longo século xxi. **Reorientado: estudos sobre marxismo, dependência e sistemas-mundo**, v. 1, n. 1, p. 44–66, 2021.

MARTINS, J. R. Immanuel wallerstein e o sistema-mundo. uma teoria ainda atual? **Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales**, n. V, p. 95–108, 2015.

MINISTÉRIO da Economia. Exportações Gerais. Comex Stat. Base de Dados. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>>.

MORAIS, A. K. S. **Os impactos da transição hegemônica sobre a periferia: uma análise dos arranjos político-institucionais da América do Sul no século XXI desde a perspectiva do sistema-mundo**. 2022. Dissertação (Dissertação de Mestrado) — UNILA, 2022.

MUNDIAL, B. **World Development Indicators Database**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/>>.

NONNENBERG, M. J. B. China: estabilidade e crescimento econômico. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, p. 201–218, 2010.

NÚMERO de embaixadas e consulados chineses no brasil. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.google.com/search?sa=X&sca_esv=584316335&q=n%C3%BAmero>.

OBGMigra. **Imigração e refúgio no Brasil: Retratos da década de 2010**. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images-/Obmigra_2020/Relat%C3%B3rio_Anual/Retratos_da_De%C3%81cada.pdf>.

OURIQUES, H. R.; VIEIRA, P. A. A condição semiperiférica do brasil na economia mundo capitalista: novas evidências. **Carta Internacional**, v. 12, n. 3, p. 199–228, 2017.

PAUTASSO, D. Desenvolvimento e poder global da china: a política made in china 2025. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, v. 8, n. 16, 2019.

PEREIRA, A. D.; SARDO, I. Os ciclos sistêmicos de acumulação na obra de giovanni arrighi: A crise de 2008, o fim da hegemonia norte-americana e a posição da china. **Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations**, v. 11, n. 21, 2022.

PODER360. **Estados Unidos dominam vendas globais de armas**. 2023. Acesso em: 27 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/internacional-estados-unidos-dominam-vendas-globais-de-armas/>>.

PORTAL DA INDÚSTRIA. Comércio Exterior e Exportação no Brasil. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <[RAMOS, L.; ZAHRAN, G. Da hegemonia ao poder brando: implicações de uma mudança conceitual. **Cena Internacional**, v. 8, p. 134–157, 2006.](https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/exportacao-e-comercio-exterior/#:~:text=As%20exporta%C3%A7%C3%B5es%20brasileiras%20respo,;>.>.</p>
</div>
<div data-bbox=)

REIS, R. P.; HENDLER, B. O modelo arrighiano e o novo caos. In: **IV Colóquio Brasileiro em Economia Política dos Sistemas-mundo**. [S.l.: s.n.], 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265800760_O_MODELO_ARRIGHIANO_E_O_NOVO_CAOS_LI>.

SANTANDER TRADE. Brasil: Fluxos de IDE. Acesos em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://santandertrade.com/pt/portal/internacionalize-se/brasil/fluxos-de-ied-2#:~:text=Os%20maiores%20investidores%20no%20Brasil,e%20auxiliares%20e%20ve%C3%ADculos>>.

SANTOS, D. G. dos. A hegemonia americana no pós-guerra fria: Continuidade ou declínio? **Conjuntura Global**, v. 2, n. 3, 2013.

SILVER, B.; ARRIGHI, G. O fim do longo século xx. In: VIEIRA, P. A. (Ed.). **O Brasil e o Capitalismo Histórico: Passado e Presente na Análise dos Sistemas-Mundo**. São

Paulo, SP: Editora Cultura Acadêmica, 2012. p. 77–96.

TRENDS IN INTERNATIONAL ARMS TRANSFERS, 2022. SIPRI Fact Sheet. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2023/03-/Levantamento-comercio-armas-Estocolmo.pdf>>.

UIS.STAT. Unesco. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<http://data.uis.unesco.org/>>.

VIEIRA, P. China as the possible new hegemon: an assessment based on giovanni arrighis theoretical framework. **The World System in transition**, p. 104, 2022.

VISITA do Presidente Jair Bolsonaro aos Estados Unidos. Acesso em: 7 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://br.usembassy.gov/pt/our-relationship-pt/visita-do-presidente-jair-bolsonaro-aos-estados-unidos/>>.

WALLERSTEIN, I. **Análisis de Sistemas-Mundo: Una Introducción**. [S.l.]: Siglo veintiuno, 2005. 85 p.